

VITÓRIA DOS 15 MILHÕES! ARRANCADA PARA OS 20 MILHÕES!

Calorosa Mensagem de Prestes

AOS LEITORES E AMIGOS DA IMPRENSA POPULAR
AOS DEMOCRATAS E A TODOS OS TRABALHADORES!

Camaradas e amigos!

E COM alegria e entusiasmo que acompanho a atual campanha popular pelo reequipamento técnico da imprensa do povo em nosso país. Atravessamos dias duros e cada vez mais difíceis. Uma minoria de traidores vende nossa terra aos monopólios americanos e tudo faz para reduzir nossa Pátria à triste condição de colônia dos Estados Unidos. Esta a causa imediata da miséria crescente que aflige a maioria esmagadora da nação.

Nosso povo não se conforma com semelhante situação, busca a solução de seus problemas e quer lutar pela salvação do Brasil. Em lutas memoráveis a classe operária colocou-se à frente das grandes massas populares e a todos indica o caminho a seguir para salvar o Brasil — o caminho da luta pela Paz e pela independência nacional. Para esse caminho é indispensável ganhar, no menor prazo possível, a milhões de brasileiros de todas as classes e camadas sociais. Esclarecer e unir as grandes massas populares — esta a grandiosa e histórica missão da IMPRENSA POPULAR.

Os inimigos do povo não poupam, no entanto, esforços para enganá-lo, para envenená-lo com mentiras. Os recursos do Tesouro Nacional, do Banco do Brasil, da embaixada americana e dos monopólios lanques alimentam a imprensa venal, ajudam a corromper e subornar a jornais e jornalistas. Para fazer a propaganda de sua política de guerra e traição nacional, os governantes não vacilam em chafurdar nas piores negociações.

E, como derrotar a mentira, a propaganda dos incendiários de guerra e dos traidores da Pátria, sem jornais bem feitos e bem impressos, que possam levar às grandes massas populares, com simplicidade e clareza, com rapidez e precisão, a palavra da verdade, de jornais capazes de desfazer a confusão que o inimigo pretende criar entre as grandes massas populares? Para que tal tarefa possa ser realizada é indispensável não pouparmos esforços para reforçar e melhorar a imprensa popular em todo o país. E isto, como sabem, não é fácil, já que os preços crescem sem cessar, desde a maquinaria que é cada vez mais um privilégio dos ricos, até a tinta e o papel, a clichéria, o chumbo, etc., para não falarmos nas despesas gerais e da própria manutenção do pessoal indispensável a qualquer jornal moderno.

Estes os motivos que levaram ao lançamento da Campanha por 15 milhões de cruzeiros para o reequipamento técnico da IMPRENSA POPULAR. É uma grande batalha que travamos e cuja sorte colocamos, camaradas e amigos, em vossas mãos. Avaliamos o sacrifício que muitos de vós teréis de realizar. Sabemos que nas casas de muitos trabalhadores falta, por vezes, o dinheiro para as despesas mais urgentes e indispensáveis. Mas estamos certos de que mesmo essa terrível situação constitui para vós mais um motivo para redobrar de esforços a fim de reunir os recursos que permitam à imprensa do povo levantar sua voz e indicar a camadas cada vez mais amplas da população do país qual o caminho da salvação do Brasil.

Queridos amigos da IMPRENSA POPULAR!

Ajudai a derrotar os provocadores de guerra e os vendidos da Pátria! Ajudai os verdadeiros jornais do nosso povo! Contribuí com a vossa ajuda em dinheiro para o reequipamento técnico da IMPRENSA POPULAR e apela para vossos amigos a fim de que façam o mesmo!

Para que a verdade chegue ao conhecimento de milhões e milhões de compatriotas, lutemos pelo melhoramento e ampliação da IMPRENSA POPULAR!

Tudo pela vitória da Campanha dos 15 milhões de cruzeiros!

Sauda-vos com entusiasmo e reconhecimento

LUIZ CARLOS PRESTES

**TRÊS TURISTAS AMERICANOS
NA UNIÃO SOVIÉTICA**

(Reportagem na pág. 10)



Apelo da Comissão Central

LEITORES E AMIGOS DA
IMPRENSA POPULAR

A Comissão Central da Campanha dos 15 milhões sauda entusiasmadamente os ajudantes da Campanha para os jornais da verdade e da Paz.

Dados ainda incompletos revelam que mais de 15 milhões de cruzeiros foram levantados em todo o Brasil!

Os jornais de PRESTES receberam o carinhoso apoio das massas, apoio que partiu de todas as camadas populares.

A cobertura das cotas da Campanha representa, assim, inequívoca vitória política dos jornais que lutam pela Paz, pelas liberdades públicas e pela independência nacional.

São imensas, porém, as necessidades financeiras dos jornais populares. Com as últimas manobras de servilismo ao imperialismo yanque, constantes do esquema Aranha, a maquinaria importada subiu de duas, três e mais vezes o preço em moeda nacional. Esta circunstância, aumentou de muito as necessidades imediatas dos nossos jornais.

Foi nesta conjuntura que a Comissão Central tomou conhecimento do apelo de PRESTES, hoje divulgado.

Com tão entusiasmado, vemente e valioso apelo, os ajudantes da IMPRENSA POPULAR vão poder compensar o acréscimo decorrente do preço da maquinaria já encomendada.

Mais uma vez, a voz amiga e fraternal, a voz autorizada e querida do grande líder chega em auxílio dos jornais da Verdade e da Paz.

Por tudo isso, a Comissão Central decidiu elevar para 20 milhões a cota a ser levantada e prorrogar a Campanha até o dia 3 de janeiro de 1954, data natalícia do Cavaleiro da Esperança.

Aos amigos da IMPRENSA POPULAR mais um esforço abnegado se pede: contribuir com mais 5 milhões além dos 15 que tão generosamente deram aos jornais do povo.

Temos em mão um poderoso instrumento de combate e ação: o apelo de PRESTES. A tarefa ser-nos-á mais fácil!

Tudo por 20 milhões para os jornais da Verdade e da Paz!

Rio, 3 de dezembro de 1953.

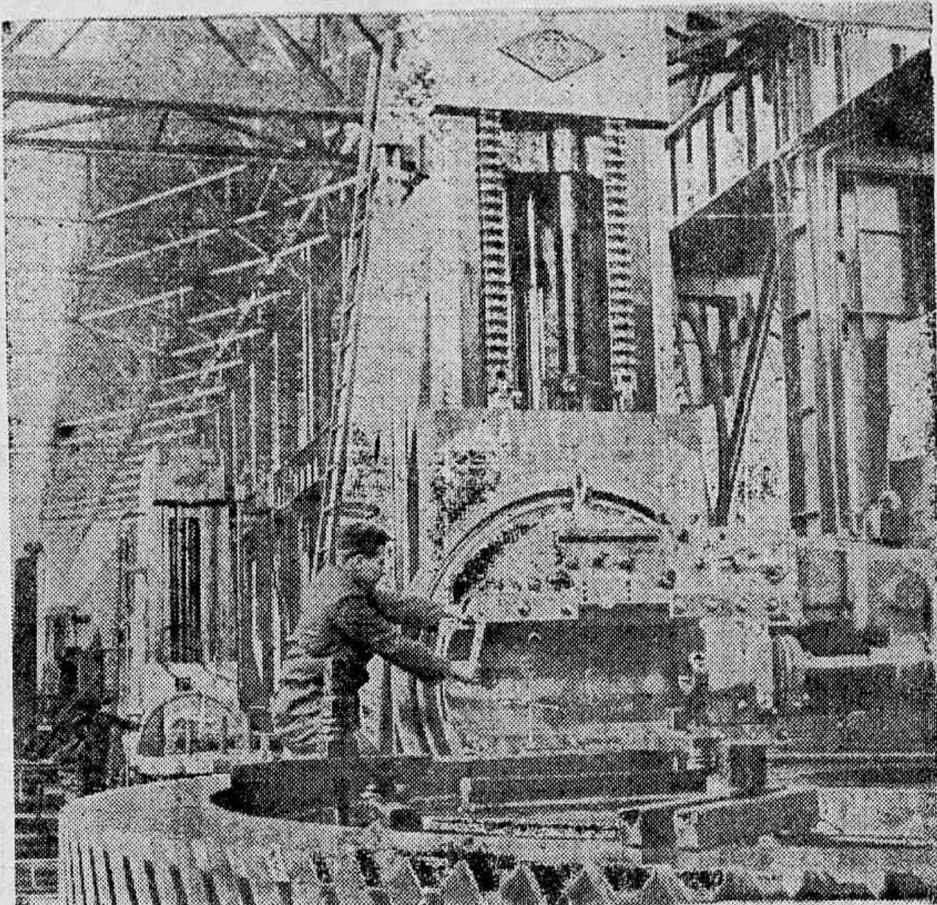
Pela Comissão Central da Campanha Pró-Imprensa Popular,

JORGE AMADO — Presidente.

VOZ OPERÁRIA

N.º 238 ☆ Rio de Janeiro, 5 / 12 / 53

RELAÇÕES COM A U. R. S. S.



A Fábrica de Maquinaria «Stalin» de Novo-Kramatorsk (Ucrânia), uma das muitas empresas soviéticas de indústria pesada onde se baseia a prosperidade incomparável da URSS. O reatamento de relações com a União Soviética porá o Brasil em contacto com a mais moderna e a mais avançada técnica.

LEIA NA
PÁGINA
CENTRAL

RELAÇÕES COM O PROGRESSO



FUGIU DAS CAIXAS DE APOSENTADORIA E PENSÕES, 305 FERROVIÁRIO, PELO GOVERNO GETULIO.

Traço de autoria do nosso leitor Arsênio Pessolano, ferroviário da Santos-Jundiaí, com 28 anos de serviço nessa empresa, que nos escreve: «O que esse desenho representa é a nossa justa revolta contra a fusão das Caixas de Aposentadorias feita pelo governo de Getúlio, que vai assim lançar mão do nosso dinheiro e acabar com o nosso direito de aposentadoria aos 30 e 35 anos de serviço».

Aumentam os Preços Das Passagens Mas Congelam os Salários de Fome

O transporte em Santos é monopolizado pela Cia. Expresso Brasileiro que mantém apenas 65 ônibus uma cidade de mais de 200 mil habitantes. A população sofre horivelmente com a política feita pelo dono dessa empresa, um tal Diegues, mancomunado com o prefeito Antônio Feliciano. Estes homens chegaram ao cúmulo de reduzir a apenas 29 ônibus velhos, caindo aos pedaços, os transportes urbanos para poder aumentar os preços das passagens para 1,50 e 2,00. Os dois deram entrevistas nos jornais dizendo que seriam postos em circulação 127 ônibus novos. Isso foi só para arrancar o aumento porque na verdade só vieram 36 carros e, assim mesmo, em sua maioria velhos ônibus remodelados, notando-se a marca da empresa do Rio a que eles pertenciam, quando chegaram à seção de pintura.

Ninguém sabe ao certo quem é o dono da empresa, se o Diegues ou a General Motors. Parece que o verdadeiro dono é a Cia. Expresso Federal que também mantém linhas interestaduais e tem mais de 3.000 empregados. Só em Santos possui cerca de 300. Os salários são de fome; os motoristas percebem de 1.500,00 a 1.700,00, os cobradores de 1.000,00 a 1.200,00. Os cobradores são os mais explorados, pois são crianças de 14 a 16 anos que em vez de estarem na escola, trabalham de 14 a 16 horas por dia. Os empregados entram na garagem às 5 da manhã e saem a 1,30 da madrugada, fazendo em média 450 horas por mês a fim de conseguirem um pouco mais de pão. A Cia. prometeu-nos um aumento de salário. Mas, além de ser uma migalha que não devemos aceitar, e lutar por um aumento de verdade, mesmo essa migalha ficou em promessa.

Há os lacaios dos patrões, os chefes Barone, André, Doria Urbano e seus capachos que perseguem os trabalhadores. Mas isso não nos amedronta. O nosso caminho já foi traçado pelos heróicos operários da Capital na sua memorável greve

O Latifundiário e Vereador do PTB Roubou a Terra do Camponês

A família Cardoso, de Piratini, herdou um pedaço de terra naquele município. Como não dispõe de posses para cercá-lo, dado o elevado preço do arame, chegou a um acordo com o sr. Andret. Este estenderia o arame e exploraria o campo até cobrir as despesas realizadas, cerca de 3.000 cruzeiros. Assim foi feito e tudo corria normalmente, quando dois indivíduos entraram no campo e se apossaram indebitamente das terras.

Levado o fato ao conhecimento da polícia, um dos invasores foi intimado a prestar declarações. Disse ele que tomara aquela atitude por ordem do fazendeiro e vereador do PTB à Câmara Municipal

de Piratini, José Luiz Alves Vieira, ao qual é um simples empregado. Apesar disso, o delegado não tomou nenhuma medida enérgica no sentido de fazer respeitar os direitos dos donos da terra e expulsar os grileiros. Apenas dirigindo-se à propriedade para verificar a situação.

O sr. Andret, devidamente autorizado pela família Cardoso, negava-se a permitir que as terras passassem às mãos do governista José Luiz. Mas os capangas deste queriam pela violência apossar-

para servir aos interesses dos latifundiários do governo de Vargas e de Dorneles.

Do Correspondente,

Na Brahma de Porto Alegre

Um Fugitivo da Polônia Persegue os Operários

Na fábrica de Bebidas Brahma, em Porto Alegre, trabalham comigo, ao todo, cerca de 1.000 operários, em mais de 10 seções. Trabalhamos das 7 às 16 horas em serviços insalubres, com apenas uma hora de descanso intercalada. Todas as seções têm capataz. E rara é a seção em que não tenha um carrasco na pessoa do capataz. Na em que trabalho, por exemplo, manda um tal Estanislau Kodorowky, que veio fugido da Polônia onde era guarda florestal de um latifundiário, tendo a serviço dele matado um homem a tiros de fuzil. Um criminoso portanto. Agora é capataz nas adegas da Brahma, ganhando como os outros, 6 a 8 mil cruzeiros, afoca as gratificações que percebe para intensificar as perseguições aos operários.

Há pouco esse sujeito, aos berros, impediu que os companheiros Nicolau e Ceslau usassem às 15 horas, os minutos de tolerância a que têm direito na saída, por trabalharem no molhado.

Velho serviçal dos exploradores, a cujo serviço se tornou assassino, esse Estanislau Kodorowski está aplicando impunemente aqui no Brasil seus instintos bestiais para ajudar os patrões da Brahma a sugar ainda mais o sangue e o suor da classe operária.

A.M.L. — OPERÁRIO DA BRAHMA.



se das terras alheias. Então, para evitar maior agravamento da situação, o representante da família Cardoso, apesar do seu direito líquido e indiscutível, concordou em ceder um pedaço do campo ao grileiro, até decisão posterior.

Neste pé estão as coisas, com a capangagem do latifundiário ocupando as terras, impedindo que o sr. Andret inicie os trabalhos preliminares da plantação, cuja época se avizinha.

Este fato mostra, mais uma vez, aos camponeses o caráter do governo que temos, a serviço dos grandes latifundiários. Um fazendeiro elege-se vereador governista para mais facilmente realizar arbitrariedades e roubar as terras dos camponeses. O delegado é pago

SÃO PAULO — Leitores A. G. Neto, Inod Gomes e José Tendra: as colaborações que vocês têm enviado sobre o campo, revelam justa revolta contra o regime de latifundiários e grandes capitalistas de Vargas e dos politiqueros dos partidos burgueses. As cartas não foram publicadas porque tratam apenas de generalizações sobre o problema do campo, sem entretanto conter denúncias concretas, que constituem a matéria-prima fundamental da seção VOZ DOS LEITORES. A natureza desta seção reclama, salvo algumas exceções, denúncias e fatos que reflitam a real situação das massas e as suas lutas, visando impulsionar essas lutas pelo exemplo e as experiências que elas proporcionam. As cartas que vocês enviaram contém bom material do ponto de vista histórico, como é o caso do artigo intitulado «Dez de Outubro» sobre Porecatu, que representou boa contribuição para o nosso arquivo a qual será certamente aproveitada na ocasião oportuna.

PORTO ALEGRE — Lício Rochadel, recebemos e encaminhamos para a «Imprensa Popular» o importante abaixo-assinado exigindo o imediato arquivamento do processo contra Prestes.

VOLTA REDONDA — G. S. N. — Saudamos sua crítica à matéria sob o título «Trinta e cinco mil cinemas rurais na URSS» publicada no número 234 de A VOZ OPERÁRIA. Realmente, ali há um erro. Trata-se de uma linha da matéria ao lado do, o emendador distraído colocou-a fora do lugar. Isso ocorre frequentemente pela madrugada, quando o gráfico já está exausto, após um dia de trabalho estafante.

Sim, é preciso cuidado. Há erros que podem assumir caráter mais grave. Toda vigilância é pouca. Mas, a melhoria técnica de nossos jornais depende também da ajuda que pudermos dar à IMPRENSA POPULAR, impulsionando a Campanha dos 15 milhões, hoje já superada e em marcha para os 20 milhões.

SÃO PAULO — Jornais da empresa — Acusamos o recebimento dos seguintes jornais de empresa: «Energia», dos trabalhadores da Light; «A Lançadeira», dos trabalhadores da fábrica Alpargatas; «O Fuso», da SAMS; «Tráfego», dos trabalhadores da CMT e «O Vidreiro». Apelamos para que nos sejam enviados todos e quaisquer jornais de empresa, à medida que sejam publicados.

SÃO PAULO — L. A. — Efetivamente, a distribuição da matéria na página central da edição n.º 233, não está correta. Embora já tivéssemos discutido o assunto de maneira auto-crítica aqui na redação, ficamos vendo toda a importância do assunto, graças a ajuda crítica que você nos deu.

A paginação, isto é, a colocação da matéria do jornal na página, é assunto de mais alta importância. Se está bem feito o serviço, os leitores percebem logo qual a matéria mais importante, de mais destaque e podem valorizá-la. Além disso, a paginação deve tornar a leitura mais fácil e agradável.

E' discutindo na base dessas críticas que nos tornaremos melhores jornalistas e serviço do povo.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOÃO BATISTA DE
LIMA E SILVA
MATRIZ
Av. Rio Branco, 257, 17.^o
and. sala 1712
SUCURSAS

São Paulo — Rua dos Estudantes, 84, s/ 29 — 2.^o andar.
P. Alegre — Rua Voluntários da Pátria, 527, sala 48.
Recife — Rua da Palma, 295, s/ 205, Ed. Sacl.
Salvador — Rua João de Deus, 1, s/1.
Fortaleza — Rua B. do Rio Branco, 1248, s/22.

Endereço telegráfico da Matriz e das Sucursais:

VOZPERIA

ASSINATURAS

Anual Cr\$ 60,00
Semestral » 30,00
Trimestral » 15,00
N. avulso » 1,00
N. atrasado » 1,50

Este semanário é reimpresso em S. PAULO, PORTO ALEGRE, SALVADOR, RECIFE, FORTALEZA E BELEM.

UM OPERÁRIO RESPONDE A CRISPIM

Tendo recebido de S. Paulo, o número 14 do periódico «Unidade» orientado por José Maria Crispim e outros, transcrevo abaixo a resposta que foi por mim enviada e que acho interessante levar ao conhecimento dos leitores da VOZ OPERÁRIA:

«SR. JOSÉ MARIA CRISPIM — «UNIDADE» — Em meu poder o número 14 de sua «Unidade» a mim endereçado. Pelo exposto em seu periódico tenho a informá-lo que deverá dirigir-se ao Departamento de Guerra dos Estados Unidos da América do Norte — Seção Bacteriológica — solicitando classificação específica para o seu bacilo «Unidade» (ou para a «unidade» de seu bacilo). Só ali encontrará ambiente, amizade e confiança para colaboração, correspondência e fácil solução financeira. Com profundo pesar mas justa indignação.
José da Silva Pinto — Operário»

NUM LATIF. O EM LAVRAS DO SUL

O Tatuira Chiapetta Procura Jogar os Posseantes Fora das Terras

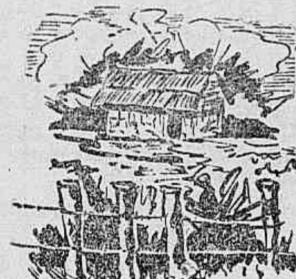
O tatuira E. Chiapetta ao adquirir aqui em Lavras do Sul a antiga propriedade do Dr. Mattos, procurou por todos os meios, como ainda procura, jogar os posseantes para fora de suas terras. Esse demagogo, que vive chamando a si «benefícios» prestados aos camponeses, é ao contrário, um mesquinho pão-duro, segundo a voz corrente entre os próprios camponeses pobres.

Primeiramente apareceu incendiando o rancho do Bedi Teixeira. A polícia, serviçal do latifúndio, não quis investigar. Depois disso, o tatuira procurou por todos os meios desmoralizar e intrigar uns com os outros, os trabalhadores. Finalmente, solicitou uma audiência de emissão de posse contra Henrique Johnston e o velho Jacinto, ao mesmo tempo que usava de uma linguagem cheia de falsidade, prometendo que os «largaria contentes» para fora do campo, ajudando a cada um com uma casa pronta, além de ou-

tras promessas a serem cumpridas quando eles estivessem fora do campo.

Essa mentira ele tentou pregar ao Dr. Carlos Fico, de Bagé, advogado dos posseantes, que encarregou-me de diligenciar os fatos por ser cidadão conhecido dos camponeses. Verifiquei a infâmia que se pretendia cometer, já que Henrique, um dos posseantes, se encontrava gravemente doente, impossibilitado de mover-se, em virtude de terríveis dores. O tatuira, insensível, exigia sua retirada, oferecendo-lhe a ridícula quantia de 500 cruzeiros como único pagamento de seu rancho, benfeitórias, etc. Verifiquei ainda que as tais casas prometidas não existiam.

Por isso não me prestei para as manobras em que Chiapetta quis envolver-me; neguei-me a declarar aos trabalhadores que o caso «estava solucionado». Furioso, o tatuira mandou um seu filho fazer provocações na minha própria casa, mas,



com isso, não conseguiu o objetivo de intimidar-me.

Ante o fracasso, vem agora com uma carta ridícula tentando colocar-me no falso papel de ingrato, alegando ter «ajudado» meu falecido pai. Para mim que sei em que estado de miséria vivíamos eu e meu pai, sob a «ajuda» desse tatuira, tal carta não poderia mais que indignar-me, e teve a resposta merecida a) Maximiliano Rivas — Lavras do Sul.

O PROJETO DE TAXAÇÃO DOS SUPER-LUCROS

O PROJETO sobre lucros extraordinários sofreu sua primeira derrota, antes mesmo de sua primeira batalha. O governo que o encaminhara ao Parlamento em caráter de urgência, alegando a necessidade de incluir as verbas nele previstas ainda na atual votação orçamentária, foi o próprio empresário de seu adiamento, assim que os tubarões do comércio e da indústria ergueram-se em algazarra desmedida, em nome da «livre empresa» e da «liberdade de comércio» que são os nomes bonitos inventados para a caçada aos super-lucros, e aos lucros máximos.

Todavia, a maior carga ao projeto partiu dos maiores interessados, as grandes empresas monopolistas americanas que, sempre bem informadas, iniciaram com antecedência o ataque ao projeto que lhes diminui os proventos. O *Brazil Herald*, por exemplo, logo saiu à lica e não escapou à argúcia dos comentaristas econômicos da própria burguesia (vide *Diário de Notícias*, de 17 de novembro) que o escândalo formado pelo *New York Times* em torno das declarações de Osvaldo Aranha em que se referia aos imensos lucros das empresas americanas em nosso país, era um ataque prévio à lei sobre os lucros extraordinários, em elaboração naquele momento.

Mas em que consiste o projeto que Getúlio tão rapidamente tratou de adiar e que engavetará na certa, se não for empur-

Getúlio, que encaminhara o projeto, em caráter de urgência, tratou de adiar-lo logo que os tubarões do comércio e da indústria ergueram-se em algazarra contra a taxaço de lucros em nome da «livre empresa» e da «liberdade de comércio». — O governo vê-se compelido, pelos fatos, a confessar em mensagem presidencial, que um dos motivos do agravamento das condições de vida do povo são «as manobras especulativas, visando lucros fabulosos e rápidos» — Cabe às forças mais duramente exploradas pelos monopólios americanos e pelos tubarões nacionais, impedir que Getúlio engavete o projeto ou o reduza a uma simples manobra dos homens do Poder para desculpam-se, depois, da falta de meios para conjurar a crise.

rado, se não for impedido de recuar? O projeto cria um imposto adicional sobre o capital mais reservas que chega, nos casos de lucros superiores a 50 por cento do capital mais reservas, até 90 por cento, e, entre outras medidas, estabelece como inafiançável o crime de sonegar o imposto.

Não nos cabe discutir, no momento, as diferentes minúcias da lei projetada.

O que nos cabe ressaltar, em primeiro lugar, é que o próprio governo vê-se compelido, pelos fatos, a confessar em mensagem presidencial que um dos motivos do agravamento das condições de vida da população são as «manobras especulativas, visando lucros fabulosos e rápidos», manobras que, como sabemos, são executadas principalmente pelas companhias estrangeiras, entre as quais levam a palma as norte-americanas.

Em segundo lugar, o governo declara publicamente a falência de sua política de preços, expressa em medidas que «não tiveram resultados satisfatórios no sentido de estancar o aumento desen-

freado e abusivo do custo de vida».

Os comunistas sempre defenderam o ponto-de-vista da taxaço progressiva sobre os lucros. Não têm por que mudar de idéias se o Governo, apresenta um projeto naquele sentido. Que o Governo pretenda enterrar o projeto; cabe às forças mais duramente exploradas pelos monopólios americanos e pelos altos tubarões nacionais não deixar que a idéia morra, que se reduza a uma simples manobra dos homens no Poder para desculpam-se, depois, da «falta de meios» para conjurar a crise, que eles mesmos provocam.

Na atual etapa de nossas lutas, devem ser usados todos os recursos de mobilização popular contra o saque desenfreado das companhias estrangeiras em território nacional. Há dias, o próprio Ministro da Fazenda, era obrigado a declarar que os investimentos aqui feitos nenhum bem trazem à economia nacional. Em outra ocasião, referindo-se aos lucros dos grandes capitalistas nacionais e estrangeiros, proclamou que os há até de mil por cento.

Basta considerar a fúria com que os maiores da Confederação Nacional da Indústria, da Confederação Nacional do Comércio e de outras entidades se lançaram contra o projeto para ver-se que tocavam-lhes numa chaga muito viva.

Por outro lado, todas as medidas que dificultam a pilhagem do país pelas empresas monopolistas estrangeiras merecem o apoio das forças progressistas do país.

Além do mais, é claro que o projeto não nasceu por acaso e que, embora incidam sobre ele motivos demagógicos, se foi redigido, é que existem forças da nossa indústria, tão duramente prejudicadas pelos norte-americanos, que se movimentam no sentido de impôr maiores obstáculos à invasão nociva do capital ianque. É evidente que essas forças só poderão ser encorajadas com o apoio de todas as camadas progressistas à taxaço sobre os lucros extraordinários.

Para a construção da vasta frente democrática que terminará por impôr em nosso país a vontade da maioria esmagadora

o comércio com ela e com os outros países democráticos e não passará nossa indústria pelas dificuldades asfixiantes a que a condena o esquema Aranha de colonização. Quanto à aplicação das verbas, esse é outro assunto: cabe-nos lutar contra os gastos improdutos (verbas militares, por exemplo) e esta é, de fato, a posição consequente dos comunistas.

Os impostos sobre lucros extraordinários não deverão atingir o pequeno comércio e a pequena indústria nacionais, fatores de progresso também submetidos à pressão dos grandes monopólios. Mas devem sobretaxar pesadamente as grandes empresas beneficiárias de superlucros, e os monopólios imperialistas como a Light que extraem de nosso povo lucros máximos.

Daí a rapidez com que o Governo de Getúlio manobrou para afastar o projeto de discussões imediatas, a fim de, no futuro, transformá-lo em água de flor de laranja, para os milionários, e em amarga pílula, para os contribuintes menores.

Mas são justamente esses contribuintes menores, arrazados injustamente pelo fisco, que têm o direito de exigir a execução de uma política financeira que não favoreça a minoria parasitária que ganha milhões e paga tostões.

Num leve toque, o projeto fez a alta finança gritar. Cabe ao povo fazê-la gemer.

EDITORIAL

A ENTREVISTA DE PRESTES

A ENTREVISTA de Luiz Carlos Prestes à imprensa democrática sobre o palpitante problema do reatamento das relações comerciais e diplomáticas de nosso país com a URSS e as democracias populares representa uma contribuição de inestimável importância para o êxito dessa campanha, que empolga a todos os patriotas e que se estende, dia a dia, a novos e mais amplos setores de toda a população. Dar a maior difusão, por todos os meios, a este documento, constitui por isso uma importantíssima tarefa.

Abordando o problema sob os seus múltiplos aspectos, com a clareza e a profundidade que lhe são peculiares, o Cavaleiro da Esperança colocou nas mãos dos trabalhadores e de todos os patriotas mais uma arma poderosa para a luta contra a dominação de nossa pátria pelo imperialismo americano e contra a política de traição nacional que vem sendo posta em prática pelo governo de Vargas, por imposição dos monopólios ianques e do Departamento de Estado. Trata-se, por tudo isto, de um documento de singular significação, destinado a influir profundamente no desenvolvimento da situação política em nosso país, a orientá-la no sentido da conquista, pelas forças progressistas e democráticas, de novas e marcantes vitórias. Isto, aliás, se comprova com o extraordinário interesse despertado pela entrevista logo ao ser conhecida, em todas as camadas da população.

Mostra Prestes que o restabelecimento das relações do Brasil com a URSS e demais países do campo da democracia e do socialismo — relações interrompidas em 1947, por ordens de Truman ao tirano Dutra, então no poder — é medida que se impõe e que o próprio governo do sr. Vargas não poderá retardar, sob pena de acelerar

mais ainda a marcha do Brasil para a ruína e a catástrofe. A realidade está indicando, de modo gritante, que a criminosa política de isolamento em relação a URSS, à China Popular, às democracias populares da Europa e à Alemanha Democrática só nos tem trazido incalculáveis prejuízos, além de acentuar mais ainda a dependência da economia e de toda a vida de nosso país aos interesses dos salteadores norte-americanos. Estavam certos, Dutra e seus asseclas, ao romper relações com a URSS, que logo viria uma nova guerra mundial e, com a guerra, poderiam os latifundiários e grandes capitalistas serviais de Wall Street fazer bons negócios e obter grandes lucros. Mas, como é sabido, a guerra não veio. Dessa maneira, fracassaram por completo os planos insensatos e criminosos de Dutra e sua camarilha. E o resultado, como diz Prestes, é que «o comércio externo do Brasil entrou em declínio catastrófico, as dívidas comerciais do país no estrangeiro assumiram proporções jamais conhecidas, os nossos produtos de exportação acumulam-se nos portos, seus preços tendem a baixar no mercado mundial e, simultaneamente, somos obrigados a pagar preços cada vez mais elevados pelos artigos manufaturados e matérias-primas que importamos.» Este é o preço pesadíssimo que o Brasil paga pela política de total submissão das classes dominantes e seus governos — ontem Dutra, hoje Vargas — aos plutocratas dos Estados Unidos. Cada dia que passa mais esta política

suicida entra em choque com os supremos interesses nacionais. Setores sempre mais vastos do país compreendem que manter tal situação interessa apenas aos milionários norte-americanos. Os interesses nacionais se situam no lado oposto e exigem que, sem mais perda de tempo, seja liquidado o isolamento em que nos achamos face aos países do campo do socialismo, libertando-nos da asfixiante submissão aos Estados Unidos no terreno do comércio exterior e das relações internacionais, facilitando o desenvolvimento independente da indústria nacional. A quebra desse isolamento significa que se abrirá para o nosso país um riquíssimo mercado consumidor com mais de 800 milhões de habitantes, disposto a adquirir em bases altamente vantajosas para o Brasil diversos de nossos produtos de exportação, assim como significa que contaremos com a possibilidade de adquirir, em condições igualmente vantajosas, gêneros de importância vital, como o petróleo e o trigo, além de grande parte da maquinaria indispensável ao desenvolvimento da indústria nacional. Esta é a política sensata, a única que corresponde aos interesses do Brasil, aos ardentes anseios de progresso, de independência e de paz da imensa maioria da nação.

Esclarece Prestes que a normalização de nossas relações com a URSS e as democracias populares constitui uma necessidade que o próprio sr. Vargas não poderá fugir, sem graves prejuízos para o Brasil. Mas, ao mesmo tempo, lembra Pres-

tes que estamos diante de um governo que se curva submisso às imposições dos monopólios e dos governantes dos Estados Unidos. «Quando se trata da defesa dos interesses nacionais — diz Prestes — e não de meras negociações, o sr. Vargas só se mexe empurrado pelo povo.»

De que se trata, portanto? Trata-se de que é urgente transformar num irresistível clamor nacional a exigência de relações com a União Soviética e demais países do campo socialista. Trata-se de que é preciso organizar, imediatamente, um poderoso movimento de opinião e realizar ações de massa da maior envergadura, em todos os pontos do país, mobilizando-se uma vasta frente única desde os operários e camponeses, até os industriais, comerciantes e fazendeiros que não estejam ligados ao imperialismo americano. Mensagens e moções ao governo e ao Parlamento, comícios, exposições, debates, palestras inclusive de delegados que visitaram a URSS e as democracias populares, demonstrações — eis alguns recursos que, além de outros surgidos de iniciativas tomadas em cada local, devem ser empregados nesta campanha, que está inseparavelmente ligada a empreendimentos como a próxima Convenção pela Soberania Nacional ou o Plebiscito pela Paz.

Enfim, da amplitude e do vigor que adquirir o movimento de massa, pelo reatamento de nossas relações com a URSS e as democracias populares depende a conquista dessa importantíssima vitória democrática, que será também uma valiosa contribuição para o alívio da atual tensão internacional para a consolidação da paz no mundo inteiro.

A Nota Soviética de Novembro, E a Conferência Das Bermudas

A nota soviética, do dia 26 de novembro, convidando os governos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França para uma reunião específica, em que se discutam os problemas europeus, entre eles a questão alemã, repercutiu intensamente em todo o mundo e

procuram impor aos povos da Europa os tratados da Comunidade Europeia de Defesa e do Exército Europeu (Acordos de Bonn e de Paris) que transformam em nações ocupadas os outros prósperos países do continente. Os governantes

monstrosos de colonização e de guerra, apesar de toda a pressão estrangeira. Ora, um dos objetivos da Conferência das Bermudas consiste em pressionar a França para arrancar-lhe o mais breve possível a ratificação do tratado abjeto que ela repudia. Agora, torna-se mais difícil do que nunca convencer alguém da «necessidade» da aprovação dos instrumentos de Bonn e de Paris.

Em segundo lugar, a nota soviética, põe em xeque a própria Conferência das Bermudas. Esta se destina, desde o início, a impedir na prática a realização de um encontro entre os representantes americanos, soviéticos, britânicos e franceses e, sobretudo, a impedir uma conferência frutuosa entre eles. Vale recordar, aliás, que a primitiva e malograda Conferência das Bermudas foi proposta por Eisenhower a título de contrapartida a uma proposta de Churchill de que se reunissem, no mais curto prazo, os chefes das grandes potências. No entanto, a nota soviética, dominará sem dúvida, o ambiente conspiratório das Bermudas. Torna-se extremamente difícil à diplomacia americana fazer tabula rasa de um documento que seu trabalho de propaganda insidiosa, visando culpar a URSS pela aguda crise nos

A diplomacia soviética mantém, sistematicamente, a iniciativa em todos os assuntos internacionais de interesse mundial. Os esforços americanos para arrebatá-la essa iniciativa são todos baldados. Isso

não se dá por acaso. O Governo soviético mantém sempre a iniciativa nos assuntos internacionais porque suas propostas correspondem aos interesses de todos os povos e não escondem objetivos escusos. Pode manter a iniciativa, porque sua política é inflexível no respeito aos compromissos anteriormente assumidos.

Encurralados pelo que eles mesmos batizaram de «ofensiva de paz soviética», os dirigentes norte-americanos procuram, no entanto, desde já, eludir as questões básicas. Assim, Foster Dulles proclama, oficialmente, que «não consideraremos a conferência como uma ocasião em que devamos abdicar dos princípios que nos inspiram,

mas pelo contrário, como uma ocasião em que eles devem ser reafirmados».

Má princípios, e princípios, porém. A quais se refere mister Dulles nesse caso? Aos princípios firmados solenemente nos Acordos de Potsdam, Lajja Moscou e na Carta das Nações Unidas? Mas, então, mister Dulles já sabe por antecipação que não encontrará os mínimos obstáculos na defesa desses princípios, por parte dos governantes soviéticos, que os defendem e cumprem há tantos anos.

Mas os «princípios de mister Dulles são a mais absoluta falta de princípios e se resumem na defesa dos tratados guerreiros de Bonn e Paris, no desenvolvimento cada vez maior da política agressiva do Pacto do Atlântico. Está claro que não haverá acordo possível na Alemanha, nem na Europa, na base do rearmamento dos fascistas de Bonn, que representam a camarilha mais agressiva dos arraiais guerreiros americanizados. A União Soviética não concordará jamais com que os acordos que garantam a paz na Europa sejam reduzidos a papéis

suos, motivo cristalino que isso contraria seus próprios interesses, os interesses de todos os povos da Europa e, os interesses do próprio povo americano também, que não deseja ser arrastado a uma nova guerra.

As investidas de Dulles e outros porta-vozes de Wall Street produzem efeitos cada vez menores. Agravam-se cada vez mais as contradições entre o patrão americano e os seus socios ingleses e franceses, despojados violentamente de seus «protetores» que os «rejudam» a ficar cada vez mais pobres. Não é por outro motivo que a imprensa inglesa, de um modo geral, saudou com alegria a nova demarcação soviética.

Os belicosos governantes dos Estados Unidos encontram-se cada vez mais isolados. A nota soviética acelera o processo desse isolamento. Ela reforça nos homens de bens a confiança de que a paz pode ser salva e o entendimento alcançado se eles continuarem tenazmente a apoiar os esforços soviéticos que contribuem para o desenvolvimento pacífico de todos os povos da terra.



MALENKOV

lançou o desarrazado no campo dos incendiários de guerra norte-americanos, precisamente às vésperas do conluio das Bermudas.

O governo soviético demonstra mais uma vez, por esse modo, que existem possibilidades reais de paz no mundo inteiro, trilharem o caminho da paz, contraposto à estrada do suicídio para a qual procura impeli-los o imperialismo norte-americano.

Essa posição soviética não é nova. Trata-se de uma atitude pública e reiterada dezenas de vezes, por anos a fio pelos representantes soviéticos de todas as categorias, desde os caetés do Estado aos mais simples comentaristas. A propósito basta recordarmos os discursos pronunciados no XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em outubro de 1952; a entrevista de Stálin pouco anterior à posse de Eisenhower; os discursos nos funerais de Stálin; a oração de Malenkov na sessão do Soviet Supremo, e, finalmente, a recente entrevista de Molotov, além das múltiplas notas diplomáticas da URSS.

Por que, então, a nota do dia 26 causa tão grande reboliço nos arraiais de Washington?

Em primeiro lugar, porque vem atender ao problema mais sentido dos povos europeus, ao problema da segurança desses povos, num momento em que eles estão mais ameaçados do que nunca. A pretexto de garantir a segurança europeia, os Estados Unidos,

vendidos a Wall Street colaboram servilmente nessa obra de traição que, entretanto, é repelida pelas pessoas de todas as correntes políticas que ainda não relegaram a honra nacional. Na França não foi possível até agora, fazer aprovar os



ADENAUER — Vamos, venham ajudar tam bém para que não se diga que meu governo é sustentado apenas pelas balonetas norte-americanas



HO CHI-MIN INDICA OS MEIOS PARA CESSAR A GUERRA IMUNDA

DESDE 1946, o povo do Viet-Nam trava contra os colonialistas franceses a decidida luta de libertação nacional, empunhando com o mesmo vigor as armas que soube utilizar vitoriosamente contra os invasores japoneses. A sordidez e traição marcaram desde o início a diretriz dos imperialistas da França, valendo a essa empresa sangüinolenta em que se lançaram nome de guerra imunda.

A conquista do Viet-Nam pelos militaristas franceses processou-se de 1859 a 1885, pelo ferro e pelo fogo. Nunca, porém, pôde ser «pacificado» o país. Principalmente após a Revolução de outubro de 1917, exemplo é alento para todos os povos oprimidos, reacendeu-se o movimento de libertação nacional: revoltas no Tonquin (1917-18), movimentos de Yen-Bay e Norte do Anam (1929-31). Durante a última grande guerra, os colaboracionistas franceses abriram as portas do Viet-Nam aos invasores japoneses, da mesma forma que, na Europa, entregavam a própria pátria à sanha de Hitler. O povo vietnamita lutou, por seus próprios meios, contra o terror dos militaristas nipônicos: forjou-se o Viet-Min, frente nacional de luta pela libertação e a independência nacional, dirigida pelos comunistas, tendo à sua frente Ho Chi-Min, destacada figura do movimento democrático mundial.

Quando, sob os golpes dos exércitos soviéticos e do Exército Popular da China, os imperialistas japoneses tiveram de retirar tropas do Viet-Nam para reforçar guarnições de outros lugares, ocorreu, a insurreição nacional de 1945, dirigida contra os japoneses e seus colaboradores, inclusive Bao Dai.

O governo nacional instaurado, presidido por Ho Chi-Min, procurou desde então entrar em entendimentos com o governo francês que também vinha de livrar-se da invasão estrangeira. A 6 de março de 1946, finalmente, foram assinados em Hanoi os acordos entre o presidente Ho Chi-Min e os representantes da França, reconhecendo-se a República Vietnamita como Estado livre, com governo, parlamento, exército e finanças, próprias.

Imediatamente depois, os franceses violaram os acordos, forjando um governo títere, de ex-colaboracionistas com os japoneses, e provocando incidentes, como o bombardeio de Haiphong.

Contra a agressão armada, só restava a defesa armada. Foi o que fizeram os vietnamitas. Assim, desde 1946, a mocidade francesa, para servir aos trustes que a oprimem sangra inutilmente numa guerra infundável. Os quadros militares saídos da academia de Saint-Cyr não dão, sequer, para preencher os claros abertos nas fileiras dos agressores pelas balas dos patriotas vietnamitas. Enquanto isso, nos últimos anos, as sociedades capitalistas multiplicaram por 26 os seus lucros criminosos na Indochina.

A guerra imunda apodreceu. Contra ela ergueram-se desde o primeiro instante os patriotas franceses, e as greves dos doqueiros e as manifestações populares, tendo à frente os comunistas, despertaram todo o povo. Hoje, com exceção de uma ridícula minoria de milionários associados aos americanos, que procuram «internacionalizar» o conflito, não há francês que deixe de compreender a necessidade imperiosa de por fim à sangueira, de retirar do Viet-Nam as garras do imperialismo.

E' nessas condições que a recente entrevista do presidente Ho Chi-Min, concedida ao jornal suéco «Expressen» abre uma ampla perspectiva de solução do conflito, e constitui um poderoso auxílio à luta dos povos pela Paz. O grande dirigente do Viet-Nam reafirmou a disposição em que está seu país de negociar diretamente com a França e de aceitar um armistício que tenha por base o respeito da independência do Viet-Nam. Essas afirmações não constituem novidade: tem sido feitas reiteradas vezes pois, desde 1946, o Viet-Nam não deixou escapar uma só ocasião de oferecer a Paz. Todavia, nas condições atuais, as propostas do presidente Ho podem ser mais facilmente levadas à prática. Agora, em todo o mundo, estão cada vez mais isolados os incendiários de guerra, e, na França, as posições que os comunistas defendiam quase isolados em 1946, transformaram-se em clamor nacional.

O povo francês quer a Paz.
O povo do Viet-Nam quer a Paz.
Unidos estreitamente, apoiados no poderoso campo democrático, não há dúvida de que impulsionarão com vigor as propostas de Ho Chi-Min vibrando novos golpes nos partidários da guerra, cujo estado maior vai concentrar-se nesses dias nas Bermudas.

Com Este País Devemos Ter Relações: **HUNGRIA** Uma Democracia Popular

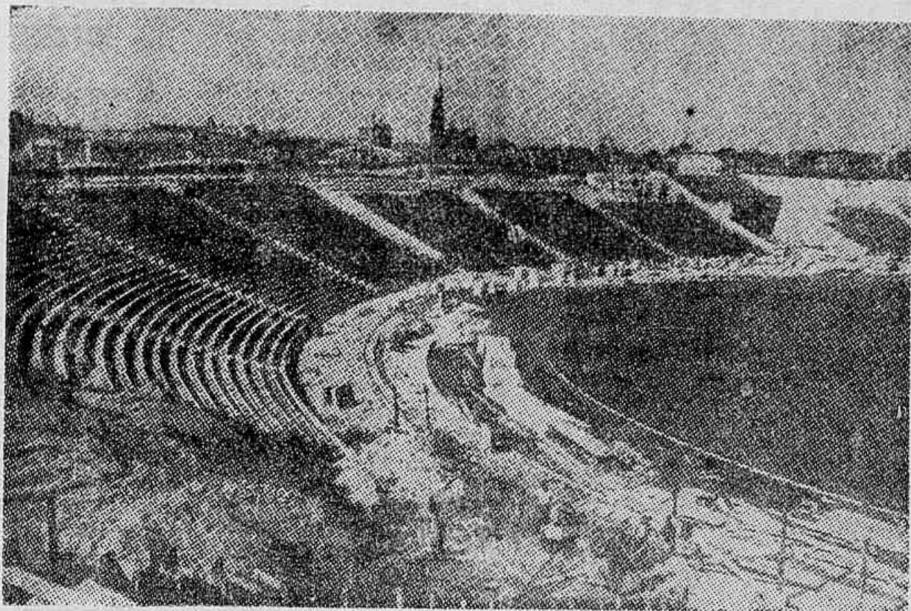
Recentemente, o Ministro João Alberto, em viagem pela Europa, visitou a Hungria e voltou entusiasmado com o que viu. Declarou que somente o estabelecimento de relações com a Hungria aumentaria imediatamente de 50 milhões de dólares o movimento de nosso comércio com o exterior. E o Ministro do Exterior, Vicente Rao, admite publicamente a possibilidade de o Brasil ampliar suas relações com o campo socialista, adiantando que, de imediato, o governo planeja estabelecer relações com a República Popular Húngara.

Que país é esse que impressionou o próprio emissário do governo Vargas e de cuja amizade o Brasil terá tanto a lucrar? Não, não é mais aquela Hungria dos senhores feudais, dos nobres decadentes explorando camponeses mi-

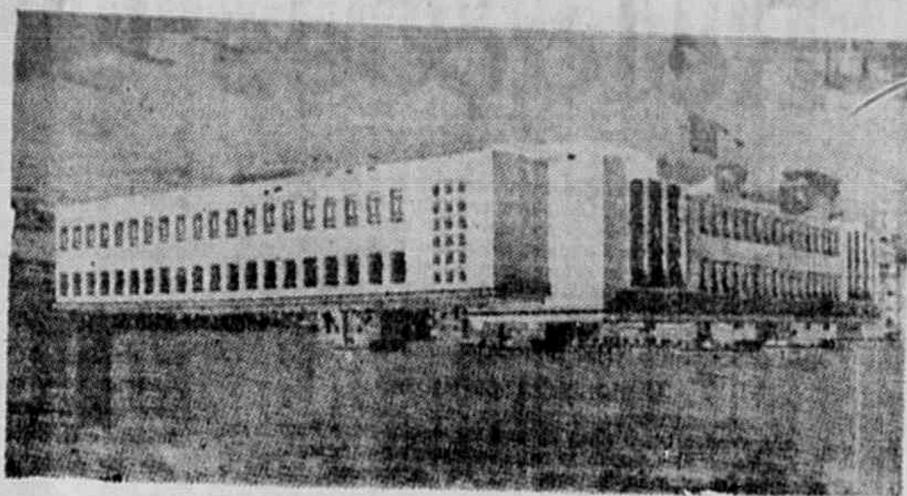
seráveis! Nem muito menos a Hungria do regime fascista de Horthy, vendida ao imperialismo alemão, onde imperava o terror, onde feneciam as ciências e as artes sujeitas aos moldes obscurantistas do fascismo. Não trataremos com um país de analfabetos, onde o movimento operário era reprimido a ferro e fogo e os direitos só eram reconhecidos aos barões e magnatas.

A Hungria de hoje é um país completamente novo, uma democracia popular. Agora o povo é quem governa. Guiado pelo Partido Húngaro dos Trabalhadores, operários e empregados, camponeses e intelectuais constroem uma nova Pátria, onde o progresso se manifesta brilhantemente em todos os setores de atividade:

NOS ESPORTES



O magnífico Estádio Popular de Budapeste, inaugurado à 20 de agosto (aniversário da Constituição democrático-popular do país). Belo monumento arquitetônico, tem capacidade para 110 000 espectadores. Graças a numerosas praças de esporte, clubes e ginásios espalhados por todo o país, o esporte tornou-se parte da vida das massas na Hungria. Ao lado disso, um povo bem alimentado, que trabalha para si e tem tempo para a cultura e o esporte. Estas são as condições que explicam os êxitos extraordinários obtidos pela Hungria na educação física. Jamais um pequeno país chegou à situação que a Hungria desfruta neste domínio: 3.º lugar no mundo nas Olimpíadas de Helsinki. Apresentando notáveis valores no atletismo, natação e em outros esportes, é nos jogos de equipe que os húngaros vêm se distinguindo como autênticos mestres, particularmente no futebol e no polo aquático. A seleção de futebol húngara destruiu, há dias, uma arraigada tradição inglesa, velha de 90 anos: venceu o país do futebol em sua própria casa. Isto depois de cumprir 20 compromissos internacionais sem uma única derrota! Quando o povo obrigar Getúlio a entrar em relações com a Hungria, o intercâmbio esportivo entre os dois países terá, certamente, os resultados mais fecundos. Que belos espetáculos terá o nosso povo oportunidade de assistir



NA ECONOMIA

Eis aí uma nova escola construída em Stalinvaros, a nova cidade das grandes fundições de aço e do Combinado Siderúrgico do Danúbio. Há alguns anos era uma aldeia. Hoje é uma grande cidade moderna, cujas residências para operários despertam a admiração de um homem como o sr. João Alberto. Sim, porque, graças à ajuda da União Soviética, a Hungria possui hoje uma indústria pesada moderníssima. Que o diga a Argentina, que vem recebendo da Hungria locomotivas, grupos eletrógenos, maquinaria para a exploração de petróleo e outros artigos industriais da mais alta qualidade, conforme o proclamam os próprios governantes portenhos. A produção industrial da Hungria é, hoje, três vezes e meia superior a de antes da libertação e isto foi obtido em apenas oito anos! Por outro lado, uma nova agricultura está em expansão no país, graças ao movimento cooperativista e à mecanização dos trabalhos da terra. Cada mês as Estações de Máquinas e Tratores recebem centenas de tratores novos, de segadeiras-batedeiras, de máquinas de colher e milhares de outras. Graças a isso a colheita desse ano bateu todos os recordes.

NA CIÊNCIA

Liberto do obscurantismo fascista, o povo húngaro criou condições excepcionais para a plena expansão da cultura. Contrastando com o marasmo do passado, existe hoje no país um verdadeiro entusiasmo pela ciência. Liquidado o analfabetismo, criada uma ampla rede de escolas, é cada dia maior o campo para a divulgação dos conhecimentos científicos e a preparação de novos especialistas. Existe no país uma Sociedade de Ciências Naturais, que promove a divulgação das ciências em todo o país, utilizando-se dos mais variados recursos, desde conferências e publicações as exposições e cartazes. A nova Academia de Ciências da Hungria reúne os sábios mais destacados do país e conta com sete seções especializadas, além de doze institutos de pesquisa e três centros de documentação a ela subordinados.

Graças à solicitude com que são cercados os homens de ciência e aos meios de que dispõem, novas e importantes descobertas surgem cada ano, do que são testemunho as dezenas de «Prêmios Kossuth» distribuídos este ano. Entre as últimas conquistas obtidas pelos sábios húngaros destaca-se a descoberta do acadêmico Imre Toro, de uma nova variedade de formação das células.



NAS ARTES

Cena do filme «Uma tarde com as fiandeiras». As artes na pátria de Liszt encontram-se em plena expansão. Atesta-o o sucesso do cinema húngaro. Praticamente inexistente antes da guerra, é hoje um dos melhores. No último «Festival de Veneza», não obstante o anticomunismo de seus organizadores, obteve o primeiro prêmio a fita científica «Do florescimento à queda da folha». Segundo os próprios críticos dos jornais burgueses, trata-se de uma maravilha em cores. Outro filme notável apresentado este ano é o monumental «O mar cresceu...», onde se conta a história da revolução camponesa húngara de 1848-49 contra a dominação dos senhores feudais austríacos. O filme destaca a figura de Kossuth, herói nacional e chefe da rebelião. A partitura musical devida a Ferenc Szabó foi considerada uma obra à altura das melhores tradições da música clássica do país e do famoso canção musical de seu povo.



Relações Com a U.R.S.S., Relações Com o Progresso!

«É conhecida a moção unanimemente aprovada pela convenção dos Industriais reunidos em São Paulo favorável ao reatamento. Depois disso, inúmeras têm sido as manifestações no mesmo sentido, refletindo o desejo e as necessidades da maioria esmagadora da nação. Basta reunir algumas dessas manifestações para que se desenhe logo o quadro, expressivo e eloquente, ao qual a governação não poderá ficar indiferente se a pressão organizada do povo se fizer sentir com o vigor necessário.

Diplomacia corajosa

De uma entrevista do ministro João Alberto: «As vendas beneficiam apenas a determinadas firmas estrangeiras... Elas retêm parte substancial dos lucros... Precisamos de uma diplomacia corajosa, capaz de defender e fortalecer nossos interesses, que não podem ser prejudicados em nome de uma segurança hipotética... Em todo o meu roteiro deparei-me com populações que desejam apenas o direito de viver em paz.

Os líderes da maioria na Câmara e no Senado

Da entrevista do líder da maioria, na Câmara de Deputados, sr. Gustavo Capa-zeira: «Minha opinião é a de que devemos suprimir todas as barreiras ao nosso comércio externo, inclusive as barreiras que nos separam, a este respeito, da União Soviética.»

Opinam industriais e economistas

Sr. Jorge Chama, presidente do Sindicato do Ferro, industrial: «Para negociarmos normalmente com um país, precisamos estabelecer com o

Conselho Nacional de Economia

— A reunião da Indústria Brasileira, realizada há meses em São Paulo, que teve ocasião de presidir na qualidade de delegado do Conselho Nacional de Economia, aprovou uma resolução favorável ao reatamento de relações comerciais do Brasil com os países da Europa Oriental. Trata-se de uma resolução realista, inspirada nas dificuldades existentes em nosso intercâmbio comercial com o exterior.

Sr. Antonio Miranda Neto, diretor geral do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, do Ministério do Trabalho:

«O problema do comércio exterior com a Rússia e as democracias populares não é um problema isolado. Faz parte da conjuntura geral do comércio mundial. Se não me falha a memória estudo o que é economicamente certo, é politicamente certo. E' aumentar o nível de vida das populações e fomentar a melhor repartição da renda.»

Do V Congresso Nacional de Jornalistas

Apresentada com a assinatura de 250 congressistas, foi aprovada por unanimidade a moção que assim conclui:

«Os jornalistas profissionais presentes neste V Congresso resolvem:

Apoiar os propósitos manifestados por destacados órgãos de nossa imprensa os quais fazem eco do clamor da opinião pública e das classes produtoras — clamor demonstrado com intensidade no Congresso Nacional, em assembleias estaduais e municipais, em reuniões de industriais, comerciantes, grupos profissionais, etc. — para o restabelecimento das relações comerciais com os países do Leste Europeu e Asiático, independentemente da orientação política de seus governos.

Professores, líderes populares e sindicais

Professor Erniro de Lima: «Não deve haver barreira que impeçam o intercâmbio econômico, cultural e ci-

entífico entre os diversos países, inclusive entre o Brasil e a União Soviética. Este intercâmbio seria particularmente profícuo no setor da medicina, dado o inegável progresso da ciência soviética.

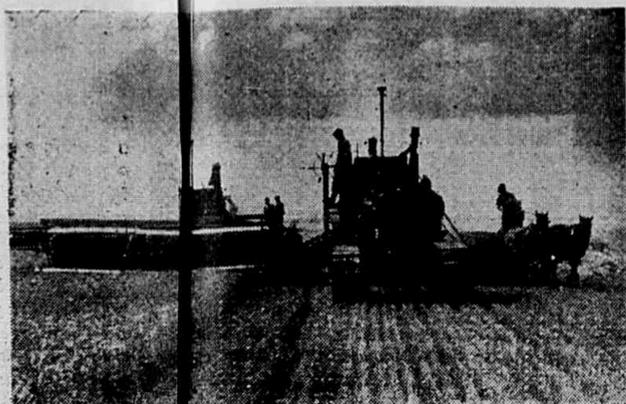
Sr. Lício Hauer: «Dois congressos nacionais de servidores públicos já se pronunciaram, unanimemente, em favor do reatamento de relações com a União Soviética. A ampliação dos nossos mercados é medida que se impõe para o melhoramento do nível de vida da população e também para prover o Tesouro Nacional de recursos que sempre se alega faltarem quando os servidores públicos reivindicam melhoria.

Sr. Emilio Bonfante Demaria: «O estabelecimento de relações com a União Soviética e as Democracias Populares é uma das medidas que se impõem para salvarmos nossa Marinha Mercante da calamitosa situação em que se encontra.

Waldemar Viana, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas: «O que não é possível é continuarmos sob dependência dos Estados Unidos, que servem muitas vezes de intermediários entre nós e a URSS.»

Parlamentares, câmaras, todo o povo

As manifestações aqui citadas poderiam ser multiplicadas, sucedem-se diariamente em todo o país e em todos os setores. Repercutem em Assembleia legislativas, como a de Mato Grosso, em Câmara Municipal, como a de Nilópolis, que votaram moções pró-reatamento, dando um tom prático, de ação, às



Esta é a Vontade do Povo Brasileiro

O reatamento de relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética e demais países do campo socialista está na ordem do dia. E' assunto a ser resolvido agora e que não pode ser deixado para depois. Em todos os setores de atividade e na diversas camadas sociais, nos dias que correm, este é um tema obrigatório. E não resta nem sombra de dúvida que a maioria esmagadora das opiniões é inteiramente favorável ao imediato restabelecimento das relações normais, diplomáticas e comerciais, com a União Soviética.

Brasil deve comerciar com todos os países que lhe proporcionem trocas vantajosas.

Quem é Contra o Reatamento

A resposta a essa pergunta está ao alcance de qualquer jornalista que fez. Quem lucra com o isolamento do Brasil quem exerce de fato monopólio do comércio externo de nossa pátria? E' evidente que quem lucra com essa situação são os monopólios dos Estados Unidos da América do Norte. Todo mundo sabe que os americanos, além do que eles fazem, ganham fortunas revendendo os produtos brasileiros que são proibidos serem exportados por nós para a União Soviética.

Que Fazer

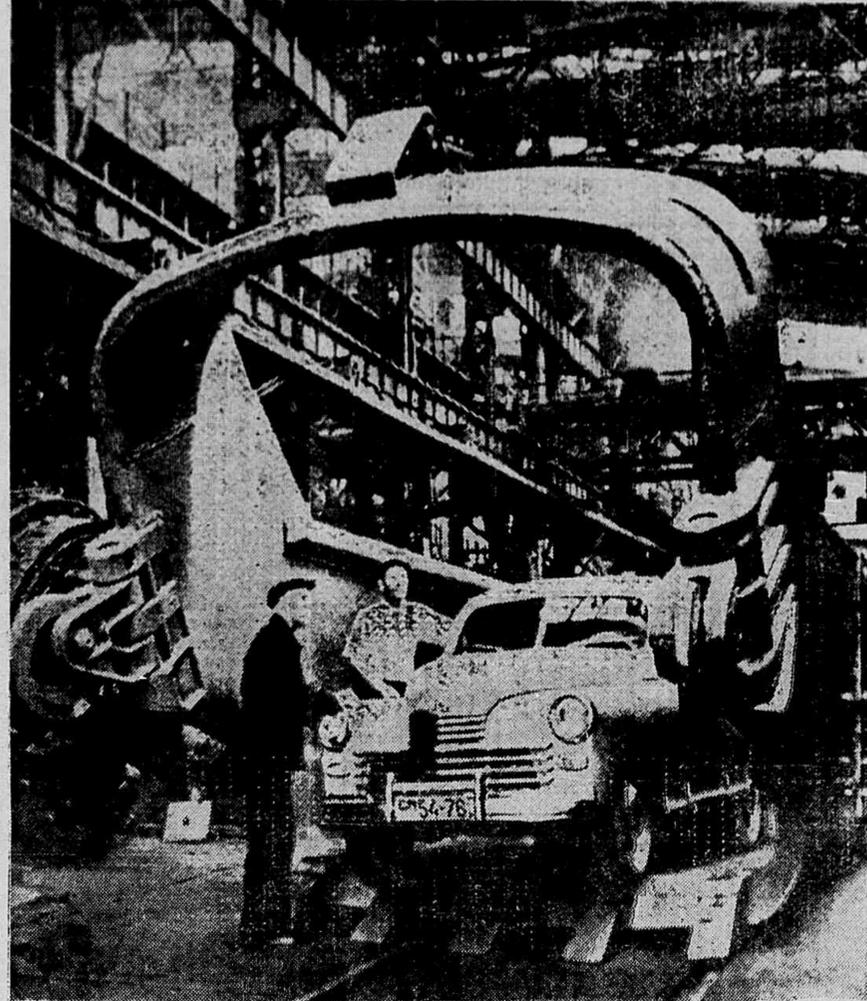
«E' indispensável que o povo unido imponha sua vontade ao governo. Trata-se de defender os interesses da esmagadora maioria da Nação. Todos os recursos devem ser para isso empregados — mensagens, comícios, demonstrações, etc. — a fim de exigir do governo o reatamento de relações

A indústria automobilística está muito adiantada na URSS. Carros de diversos tipos e os mais confortáveis ali produzidos em série. Ao lado, uma delegação de trabalhadores brasileiros visita a uma grande fábrica de automóveis.

deixará de contar com o principal, com a força decisiva, todo aquele que esquecer que o grande interessado é o povo, são as massas de milhões de brasileiros. Essa é que é a força capaz de vencer todas as resistências e abrir o caminho para que sejam dados os «passos decisivos» hoje reclamados inclusive pela própria imprensa burguesa. Que fazer? A resposta justa, precisa e oportuna está na entrevista de Prestes:

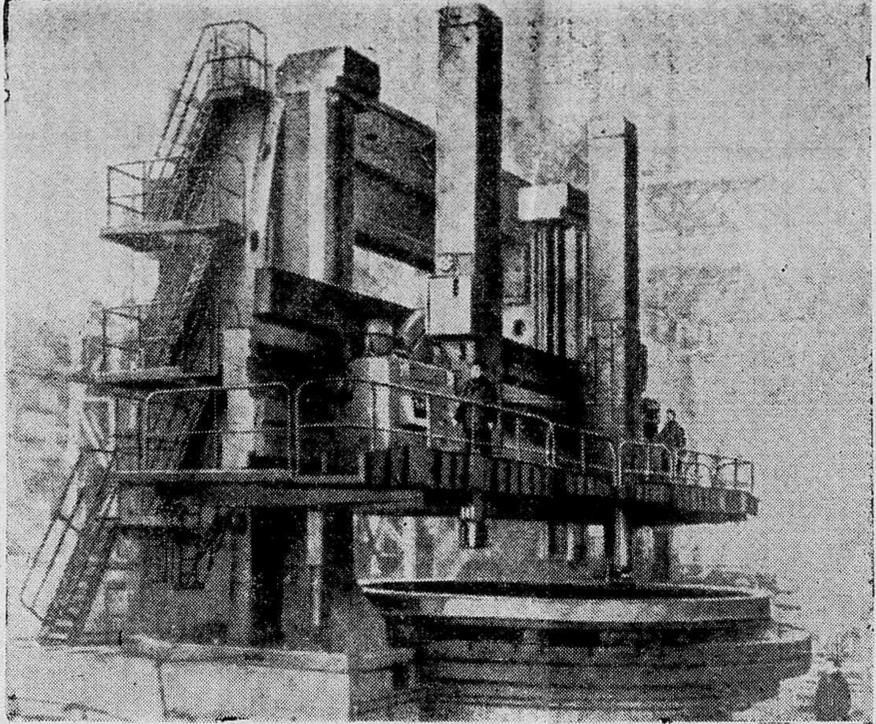
«E' indispensável que o povo unido imponha sua vontade ao governo. Trata-se de defender os interesses da esmagadora maioria da Nação. Todos os recursos devem ser para isso empregados — mensagens, comícios, demonstrações, etc. — a fim de exigir do governo o reatamento de relações

com a União Soviética. Não é por acaso que, especialmente depois da viagem do sr. João Alberto a Hungria e dos seus depoimentos sobre o progresso das democracias populares, a Embaixada americana tentou passar ao contra-ataque, alinhavando todos «argumentos» anticomunistas contra o reatamento de relações.



Alguns Pontos da Entrevista de Prestes

- 1 — O reatamento de relações comerciais com a União Soviética e demais países do campo da democracia e do socialismo já é agora medida que se impõe e que o próprio governo do sr. Vargas não poderá retardar sem graves prejuízos.
- 2 — A guerra mundial não veio e toda a política econômica que se baseava nesses cálculos criminosos entrou em bancarota. O comércio externo do Brasil entrou em declínio catastrófico, as dívidas comerciais do país no estrangeiro assumiram proporções jamais conhecidas, os nossos produtos de exportação acumulam-se nos portos, seus preços tendem a baixar no mercado mundial e, simultaneamente, somos obrigados a pagar preços cada vez mais elevados pelos artigos manufaturados e matérias-primas que importamos.
- 3 — Não mantemos relações com a União Soviética, mas os monopólios e comerciantes ingleses e americanos conseguem enormes lucros com a venda de nossos produtos aos diversos países do campo da democracia e do socialismo, especialmente à URSS e à China Popular. É evidente que semelhante política não pode continuar.
- 4 — A União Soviética com a China Popular e demais países do campo da democracia e do socialismo representam, nos



UM TÓRNO GIGANTE

A indústria soviética de construções mecânicas aumenta em vastas proporções a produção de grandes máquinas-ferramenta para cortar metal. A fábrica de Construções Mecânicas Pesadas de Kolonna, por exemplo, iniciou há anos a produção de tornos de prato horizontal, destinados a cortar peças com um diâmetro até de cinco metros. Agora, essa fábrica começou a construir outra máquina capaz de trabalhar peças de nove a treze metros de diâmetro. Esse torno consta de mais de 20.000 peças, tem um peso superior a 500 toneladas, ocupa uma superfície de cerca de 200 metros quadrados

e tem uma altura igual à de um prédio de três andares. O novo torno gigante está destinado à elaboração de peças de turbina e de outras máquinas com um peso até 170 toneladas, é capaz de realizar superfícies cilíndricas, planas e cônicas de diversos ângulos. O prato sobre o qual repousa a peça elaborada pode girar com velocidades diferentes, desde menos de uma volta por minuto até sete voltas.

«O Ministério da Fazenda é favorável ao restabelecimento das transações com os países de Leste. Os industriais, na reunião que efetuaram em São Paulo, manifestaram-se no mesmo sentido. Os comerciantes estão de acordo. Que falta, portanto, para que os passos decisivos sejam dados? O chanceler Vicente Rios já demonstrou que sua orientação não é contrária. A maior parte dos jornais, sobretudo os que expressam grandes contingentes da opinião pública, recebe favoravelmente a idéia.

For que, então, ainda se retardam as providências governamentais? O

Este é um exemplo apenas. Em todos os terrenos a indústria e a técnica soviéticas avançam sem cessar. A URSS está em condições de suprir nossa indústria das máquinas mais modernas e eficientes, nas condições de um comércio reciprocamente vantajoso.

Como Pode Melhorar a Vida Dos Trabalhadores Se o País é Saqueado Pelos Imperialistas?

Dramáticas denúncias no debate sobre o movimento sindical nos países coloniais e dependentes

(Quarta de uma série de reportagens com dados inéditos no Brasil)

CHEGAMOS agora a um debate de mais vivo e palpitante interesse para os trabalhadores do Brasil. É o terceiro ponto da ordem do dia que se ocupa do movimento sindical nos países coloniais e dependentes. O informante é um homem que conhece o problema na própria carne, na experiência de seu próprio povo, é o indonésio Ruslan Vidjajastra, secretário geral da central sindical da Indonésia. O debate começou na sessão da tarde de

secretário geral da União Sindical do Sudão Francês. Em Marrocos, diz, os sindicatos não têm existência legal. Falando dos que acreditam que os americanos apoiam a luta contra os dominadores franceses, pergunta: «Como é que se pode esperar que o imperialismo americano que apoia a guerra no Viet Nam, que fez a guerra contra a Coreia, que queima livros e pratica a discriminação racial dentro dos Estados Unidos, ajude a eliminar o imperialismo na África?»

A Argélia é colônia francesa desde 1830, lembra Lakhdar Kaidi. Os trabalhadores passam miséria, fome, desemprego e doenças, enquanto os colonialistas arrancam fortunas do país. Por exemplo, a companhia mineira Ouzena, em 1951, teve lucros de 2.360 milhões e em 1952 os lucros foram de 4.906 milhões. Os salários pagos foram apenas de 687 milhões, o que dá, no final das contas, um lucro anual de dois milhões de francos por operário.

O Sudão é um país rico mas o povo sudanês vive na miséria por causa do imperialismo inglês. De 80% a 85% da produção mundial de goma acúbia saem do Sudão. 89% das terras cultiváveis estão nas mãos dos ingleses. O custo da vida subiu de 140% de 1949 a 1952. A população é de dez milhões de habitantes, mas em todo o país só existem 40 dispensários, 76 médicos, um único dentista, só um oculista. A liberdade sindical foi arrancada por uma greve de 22.000 ferroviários.

ASSIM VIVEM OS QUE SE LIBERTARAM DO CAPITALISMO

mas eis que surgem na tribuna Diura Khodjaev, presidente do Conselho de Sindicatos da República Socialista Soviética do Uzbequistão. Antes da Revolução, o Uzbequistão era uma das colônias mais atrasadas do império czarista.

Por sua vez o operário sírio Abdula Hussein denuncia o saque americano no Oriente Médio. Os americanos disseram e o governo cumpriu: «o governo sírio deve lutar contra o comunismo». Resultado: as reuniões sindicais só se realizam com permissão da polícia, os dirigentes sindicais devem jurar que não exercem atividades políticas de espécie alguma, frequentemente os organizadores de sindicatos são encarcerados.

Depois de falar o delegado do Líbano, a delegação apresenta uma declaração solene: a C.G.T. francesa apoia os trabalhadores dos países coloniais, pois os responsáveis pela miséria dos trabalhadores na França e nas colônias são os mesmos, os imperialistas franco-americanos.

Na Birmania imperam os verdugos ingleses. Não há seguros sociais e os salários miseráveis condenam os trabalhadores a viverem famintos e maltrapilhos.

A capital Rangum tem 750.000 habitantes. Pois bem, em 1952 havia em Rangum 200.000 sem trabalho. Uma delegação das Nações Unidas, em 1952, constatou que 60% da população da Birmania é sub-alimentada, que há só uma cama-hospital para cada 1980 pessoas, um médico para cada 16.980 e uma enfermeira para cada 16.130 pessoas. O orçamento deste ano, diz Than Ngwe prosseguindo sua denúncia, destina 8% das verbas para a instrução e 4% para a saúde pública, mas os gastos militares consomem 70%. Apesar da repressão são numerosas as greves, muitas das quais vitoriosas. A classe operária se organiza em Comitês de Defesa dos direitos democráticos e funde sua luta com a luta pela independência nacional e pela paz.



A delegação da Alemanha, a maior de todas que participaram do Congresso. A segunda em número foi a do Brasil que contou com cinquenta e cinco pessoas

5.000 escolas com um milhão e meio de alunos. As mulheres que não tinham direito à educação estão hoje presentes em todas as atividades. 280 uzbekas são diretoras de col-

cosas (granjas coletivas, soviéticas). 14 são deputados ao Soviet Supremo da URSS e mais de 13.000 são membros dos soviets locais e regionais.

NA PEQUENINA E GLORIOSA ALBÂNIA POPULAR

A Albânia que era antes um país semi-colonial, mostra Aimé Kochani, é hoje uma democracia popular. Que deu o poder popular ao povo albanês? A produção industrial é oito vezes maior que em 1938, o arado de madeira foi substituído pelo trator e a produção de trigo aumentou de 120%, a de arroz de 400%, desapareceu o desemprego. As quatro quintas partes

dos trabalhadores recebem de 80% a 100% do salário em caso de doença, a assistência médica gratuita, as verbas para a saúde pública são 40 vezes maiores do que em 1938, há três vezes mais escolas e em 1953 não haverá mais nenhum analfabeto, quando 80% da população não sabia ler nem escrever, antes do advento da democracia popular.

20 de Outubro, Terça-Feira

TERRIVEL EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES AFRICANOS

É impressionante a sequência dos depoimentos dos delegados das colônias e semicolônias da África, que se sucedem na tribuna. Na África Equatorial Francesa, os trabalhadores negros, apesar de viverem em sua própria pátria, ganham menos porque são negros. Os inimigos, diz Mayoya Beck, têm várias máscaras. São os divisionistas da «Força Operária» e da «Federação dos Sindicatos Cristãos» que fazem um trabalho divisionista aliado a certas missões religiosas que fazem pregação anti-sindical, como se atuar nos sindicatos fosse pecado.

baixam seis meses por ano, mas não têm direito de se inscreverem na caixa dos desempregados e se o fazem são enviados a campos de trabalhos forçados. «Quero declarar aos trabalhadores de todo o mundo que seus irmãos e irmãs da África do Sul vivem como animais, sem os mínimos meios de subsistência e que seus filhos são vítimas das piores enfermidades.»

OS OPERÁRIOS E O PETRÓLEO DO IRA

Os laços do imperialismo que processam Mossadegh e condenam a morte dirigentes operários de vanguarda impediram que a maior parte da delegação iraniana viesse ao Congresso. «Mas não puderam impedir que nossa voz fosse aqui ouvida» exclama Vaitolá Moftakari, operário em construção que foi alfabetizado pelo sindicato. Foi a própria massa quem mostrou o caminho para o desenvolvimento dos sindicatos — a luta, que se funde com a luta pela libertação nacional. O grande exemplo é a grande greve de 36 dias em 1951 contra a redução de salários. Esta greve teve como consequência a nacionalização do petróleo.

DOIS MUNDOS: O DA FOME E DO TERROR; O DO PROGRESSO E DA PROSPERIDADE

Ruslan Vidjajastra encerra os debates. Ficou claro que os informes anteriores de Saillant e Di Vitório (vide nrs. 235, 236 e 237 da VOZ OPERÁRIA) indicam o caminho certo para os trabalhadores. O aspecto mais importante da discussão é a denúncia da ausência total de direitos sindicais e democráticos nos países coloniais e dependentes, da brutalidade dos imperialistas para manter sua dominação. A F.S.M. fará protestos ainda mais vigorosos contra as perseguições.

O orador termina mostrando que os debates destacaram o contraste entre as condições de vida nos países coloniais e dependentes e as dos diferentes povos da União Soviética. De um lado, terror e fome, do outro, progresso e prosperidade.

—O:—
Aqui terminam os debates. No dia seguinte foram votadas as resoluções, já publicadas em suplemento pela VOZ OPERÁRIA (N. 235). Em nossa próxima edição daremos um amplo resumo da intervenção de Schvernik, presidente do Conselho Central dos Sindicatos Soviéticos.

18 de Outubro, Domingo

O informe de Ruslan assinala que as condições de vida e de trabalho nos países coloniais e dependentes vêm se agravando sem cessar. A luta pelo desenvolvimento do movimento sindical nesses países é também uma luta pela libertação nacional. Com efeito, como pode melhorar a situação dos trabalhadores se o seu país é saqueado pelos dominadores estrangeiros?

A questão é gravíssima. Pois, 70% da população do mundo capitalista vivem nos países coloniais e dependentes. O tal «mundo livre» de que falam os americanos é composto de dois terços de habitantes que gemem sob o jugo da exploração estrangeira, imperialista. E a produção industrial dos países dominados é de apenas 5% desse mundo capitalista.

Só o capital americano, realizou lucros nesses países que vão além de sete bilhões e 500 milhões de dólares, desde o fim da guerra. A Standard Oil fez um lucro de 35 centavos por dólar invertido, isto é, 35%, enquanto o lucro da Esso nos Estados Unidos

é apenas de 11 centavos por dólar. As companhias inglesas de estanho na Malaca pagaram dividendos aos acionistas de 70% a 100%. É de espantar que haja fortes movimentos de libertação nacional na Índia, Birmania, Indonésia e Filipinas?

Ruslan termina seu informe mostrando a importância da solidariedade internacional, pois são comuns os interesses dos trabalhadores das metrópoles e dos países coloniais e dependentes. E assinala as tarefas do movimento sindical: a) organizar o movimento sindical onde ainda não exista, recrutando novos membros para os sindicatos; b) ajudar constantemente os melhores ativistas sindicais a melhorar seu trabalho; c) empreender de maneira metódica e ampla um trabalho sindical permanente, desenvolver ações baseadas em programas reivindicativos detalhados e pela defesa dos direitos democráticos, melhorar os contactos da F.S.M. com as organizações sindicais da Ásia, África e América Latina.

19 de Outubro, Segunda-Feira

SOB O LÁTEGO DOS COLONIALISTAS INGLESES E FRANCESES

Os africanos compreendem que esta não é a hora de re-

signação, mas é a hora de lutar, exclama Abdulaie Dialo,



A delegação soviética como sempre assiste às sessões do começo ao fim, ouvindo atentamente o orador

A unidade de ação dos bancários impõe:

Nova Derrota da Política Anti-Operária de Getúlio

FALSARIOS DAS ESTATÍSTICAS SOBRE OS PREÇOS E PROTETORES DOS LUCROS FABULOSOS DOS BANQUEIROS, VARGAS E GOULART SÃO OS CAMPEÕES DO DIVISIONISMO — OS BANCÁRIOS DE VANGUARDA E OS COMUNISTAS CAMPEÕES DA UNIDADE DE AÇÃO NA LUTA CONTRA OS PATRÕES E O GOVERNO

O governo de Vargas acaba de sofrer nova e fragorosa derrota em sua política anti-operária.

Teve de checar-se com a luta dos trabalhadores que passam a repelir a ingerência do Ministério patronal dirigido pelo fazendeiro João Goulart. Este novo e duro revés imposto ao governo e aos patrões começou com a assembleia dos bancários de 29 de outubro e se definiu claramente com a memorável assembleia do dia 28 último no Teatro João Caetano.

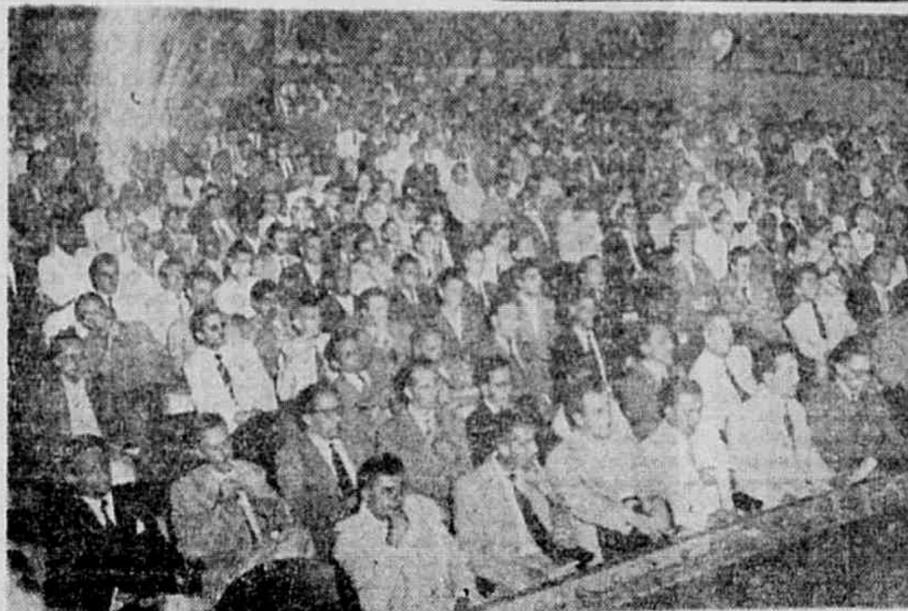
A vitória da posição independente dos bancários veio no bojo do grande ascenso do movimento operário em todo o país. São os textéis, metalúrgicos, gráficos, marceneiros etc., de São Paulo que, para debater seus problemas tiveram de procurar grandes salões e até um campo de futebol com capacidade para milhares de pessoas. São os textéis do Recife para quem o grande Teatro Almare foi pequeno; são os mineiros de Nova Lima e Raposos que não couberam no Teatro Municipal. São finalmente os bancários que, acompanhando o impeto do movimento operário, projetam-se para grandes assembleias e avançam para ganhar a praça pública em suas manifestações contra a política de esmorecimento dos banqueiros e do governo que os afoga pela carestia desenfreada.

GETÚLIO E JANGO: FALSARIOS

Já em 1951, em São Paulo, sob a pressão da luta dos bancários, o governo foi obrigado a reformar de 15% para 30% os índices de au-

GETÚLIO E JANGO: DIVISIONISTAS INSTRUMENTOS DOS PATRÕES

Nos acordos anteriores os banqueiros haviam conseguido minar por dentro a unidade dos bancários, por intermédio do governo. No ano passado o tubarão Jafet, então na presidência do Banco do Brasil, utilizando-se da Justiça das classes dominantes, por meio de um recurso procurou livrar o Banco do Brasil da obrigação de cumprir acordos regionais ou locais, sob o ridículo pretexto de que seu âmbito é nacional. Mas, pressionado, foi obrigado a cumprir o acordo passando a atribuir a esse gesto o caráter de uma concessão de sua parte, enquanto o STF deixa nas gavetas a solução desta questão «jurídica». Este ano, recusam-se os banqueiros a admitir expressamente a inclusão do Banco do Brasil no acordo que obriga indistintamente a todos os bancos filiados ao sindicato patronal. Ora, se o Banco do Brasil cumpriu o acordo passado apesar do recurso divisionista de Jafet, qual o motivo de sua exclusão do acordo? Só pode ser a deliberada intenção de dividir os bancários. A manobra



Milhares de bancários, em vibrante assembleia, traçaram entusiasmadamente os rumos de sua campanha pelos trinta por cento de aumento de salários

mento de preços «calculados» pelo Ministério do Trabalho. Também agora os bancários souberam repelir o insulto dos banqueiros com seu oferecimento de um aumento de 15 por cento num mínimo de 300 cruzeiros e um máximo de 900, com base nas estatísticas de encomenda. O governo de Vargas, representado na assembleia pelo pau mandado Crockrat de Sá, teve que engulir pela simples citação dos últimos aumentos de preços, a acusação de falsários das estatísticas, cujo único objetivo é ludibriar as massas trabalhadoras e garantir lucros fabulosos para os patrões. Ficou provado que o aumento de 30%, 700 cruzeiros mínimo e 1.500 máximo, é ainda uma exigência modesta dos bancários.

bra foi desmascarada e rechaçada pela assembleia do dia 28 último o mesmo acontecendo com a ridícula tese sobre o âmbito do banco, segundo a qual os bancos com matrizes em outros Estados ou no estrangeiro poderiam furtar-se ao cumprimento do acordo. Outra manobra miserável tem sido a de anular na prática o acordo no que diz respeito aos empregados de categorias inferiores, os quais eram imediatamente dispensados com a admissão de outros com salários antigos. Assim, todos os anos, os banqueiros anulavam o acordo para mais de 60% do setor profissional que é constituído por empregados cujos salários são inferiores a ... 3.000 cruzeiros, com exceção do Banco do Brasil e do Distrito Federal. Desta vez firmaram-se os bancários na reivindicação unitária de um mínimo inicial para a carreira de 2.000 cruzeiros, em defesa da massa dos pequenos funcionários, para aparar o insidioso golpe patronal.

Mesmo diante dessas resoluções claras dos bancários de 29 de outubro, não desistiram seus inimigos das velhas manobras divisionistas. Assim, a tabela dita «conciliatória» apresentada por João Goulart, ignorou por completo esses dois aspectos — a inclusão do Banco do Brasil e o mínimo inicial de 2.000 cruzeiros — além do que não correspondia aos interesses econômicos dos bancários. O governo, mais uma vez, deu um cumho oficial à partidariedade dos banqueiros, mostrando-se de corpo inteiro como um instrumento dos patrões e cam-

peão do divisionismo. Duramente desmascarada a tabela «conciliatória» como patronal, o diretor do D.N.T. Crockrat de Sá, confessou sob a pressão de provas irrefutáveis, que a tabela apresentada por João Goulart era, na realidade, uma tabela elaborada pelos banqueiros. Todo o jogo das mesas redondas «conciliatórias» entre banqueiros e bancários, havia sido utilizado para a conspiração do governo e dos banqueiros, identificados no interesse de torpedear a unidade dos bancários para desarmá-los na luta pelas reivindicações.

DUAS TÁTICAS EM CHOQUE

O impiedoso desmascaramento imposto aos banqueiros e ao governo de Getúlio colocou com clareza para a assembleia duas táticas opostas:

Uma, a tática dos patrões e do governo, baseada na balé da «paz social», na colaboração de classes, na aliança entre «cavalo e cavaleiro», utilizada para ganhar tempo, dividir e desmoralizar os bancários e seu sindicato, forçá-los a travar o «combate» no campo escolhido pelos seus inimigos, enfim, para tornar vitoriosa a tutela do Ministério do Trabalho sobre os interesses de classe dos trabalhadores. Esta tática foi estrondosamente derrotada pelos bancários e vaiada na pessoa de Crockrat de Sá e uns gatos pingados que se aventuraram a defendê-la.

A outra tática, foi a tática exposta pelos líderes provados dos bancários, baseada na denúncia implacável dos exploradores, na revelação nua e crua de seus fabulosos lucros, na denúncia das falsidades do Ministério do Trabalho com suas estatísticas de encomenda sobre os preços; foi a tática da unidade de ação e da organização dentro do sindicato, da luta independente dos trabalhadores e da elevação da campanha ao nível de demonstrações mais enérgicas. Esta foi a tática vitoriosa. Com ela afirmou-se a vitória da tabela do dia 29 e o esmagamento da tabela que os banqueiros tentaram impingir falando pela boca do ministro Goulart.

PERSPECTIVA DA VITÓRIA

A assembleia do dia 28, foi uma das mais combativas dos últimos tempos e se caracterizou pelo fato de que os bancários tomaram em suas próprias mãos a luta pelas suas reivindicações, apoiando-se firmemente na unidade dentro do sindicato e oferecendo à sua diretoria um apoio efetivo com raízes locais de trabalho. Por isso, uma de suas resoluções mais importantes, foi a da

eleição de comissões em todos os bancos, através do sindicato, que se reunirão semanalmente para estudo da situação. A campanha entra, por outro lado numa fase mais alta, com a resolução de uma parada de 15 minutos em todos os bancos e com a passeata-monstro e concentração defronte ao Ministério do Trabalho. Em assembleia permanente, os bancários prosseguirão nos en-

OS BANQUEIROS PODEM PAGAR O AUMENTO JÁ!

Eis alguns exemplos de como se multiplicaram os lucros dos esmorecedores dos bancários:

BANCO ANDRADE A E N A U D —

Que é representado no Sindicato dos Bancos, pelo seu diretor, Raul Pinto de Carvalho, que mantém dentro do estabelecimento um clima de campo de concentração. Foi fundado em 1937 com um capital de 5 mil contos. Em 1946 apresentou capital de 60 mil contos e fundo de reserva de 23 mil, perfazendo assim 83 mil contos o que corresponde a 16 vezes o capital de 16 anos atrás. No primeiro semestre deste ano distribuiu dividendos de 2.344 contos, percentagens de 700 mil contos e reservas de 4.541 contos, num total de 7.585 contos, ou seja 9 mil e 180 contos para o ano todo.

BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL —

De que são diretores, entre outros, E. G. Fontes e Alberto Farias Filho, o primeiro metido em negócios de petróleo com os americanos, o último aficionado dos cavalos de corrida, que são por ele tratados a leite. Iniciou-se em 1938 com 20 mil contos. Em 1953 está com 100 mil contos de capital e 39 mil de reserva, o que significa que aumentou 7 vezes o seu capital inicial em apenas 8 anos. No primeiro semestre deste ano apresentava em seu balancete reservas de 10.154 contos, dividendos de 6 mil contos e percentagem de diretoria de 1.246 contos. A soma de 17.400 contos desse semestre corresponde a 12,5%, ou seja 34.800 contos.

BANCO MOREIRA SALES —

Tinha em 1942 capital de 6 mil contos e fundo de reserva de 600 contos. Em 1953 apresentava capital global de 168 mil contos, ou seja 25 vezes o capital inicial em apenas 11 anos. Seu diretor foi embaixador de Getúlio em Washington, onde negociou ruinosos empréstimos.

BANCO BOA VISTA —

De que são diretores Guiné, o barão de Saavedra e Luiz Migliora, atual presidente do Sindicato dos Bancos, foi fundado em 1927 com um capital de 15 mil contos. Em 1934 já apresentava em seu balanço 40 mil contos. Em 1953 apresenta capital de 90 mil contos e Fundo de Reserva de 48 mil contos. Multiplicou seu capital por 9,5 vezes. Distribuiu no 1.º semestre deste ano dividendos de 6.750 contos e outro tanto de bonificação. Para reserva, destinou 7.520 contos e em percentagens, honorários, etc., distribuiu 5.052 contos. Isto monta a 28 mil contos o que significa 52 mil no exercício de um ano.

BANCO DA LAVOURA DE MINAS GERAIS —

Tinha em 1941 um capital de 21.774 contos e hoje possui capital de 160 milhões, ou seja 9 vezes mais.

BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS —

Em 1942 possuía capital e fundo de reserva de 55 mil contos e hoje apresenta capital e fundo de reservas de 290 mil contos.

Isto sem contar com os bancos estrangeiros, particularmente os americanos, que não publicam balanços em nosso país, e onde imperam os mais baixos salários e os mais desumanos métodos de exploração, particularmente de mulheres que não são beneficiadas pela lei do salário igual para trabalho igual.

A RECEITA BRUTA DOS ESTABELECIMENTOS DE CRÉDITO —

Segundo dados publicados em «O Jornal» de 7/11/53, verificou-se um aumento de 523% na receita bruta dos estabelecimentos de crédito de São Paulo num período de dez anos a contar de 1949.

tendimentos com os banqueiros e, por resolução de milhares de bancários, a diretoria fica impedida de assinar quaisquer propostas de acordo que não incluam o Banco do Brasil ou que não estabeleçam o salário inicial mínimo de 2.000 cruzeiros. Esta disposição de luta dá aos bancários a clara perspectiva da vitória. Seu exemplo desperta a solidariedade dos bancários de todo o país que mantêm com eles contato cada vez mais estreito através de enviados fraternais bem como o apoio de todo o povo trabalhador do país.

A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS

As mais ricas experiências do movimento operário inspiraram os bancários para a presente etapa vitoriosa de sua campanha. O nome de

mais puro e os sentimentos mais generosos da grande massa de bancários está hoje representado pela unidade das mais variadas tendências com o objetivo de conquistar a urgente melhoria de que necessitam. Esta consciência nova não surgiu espontaneamente. Ela é o resultado da justa atuação dos bancários mais combativos, de vanguarda, particularmente os comunistas que, marchando dentro do sindicato ao lado de outras tendências, souberam defender sempre, como campeões da unidade, os pontos de vista que finalmente foram tomados como bandeira de todos os bancários — a bandeira da luta, da unidade e da organização, e a vigilância contra os maneios excessivos dos inimigos dos bancários representados pela sinistra aliança entre os banqueiros e o governo de Vargas. Goulart e companhia.

Três Turistas Americanos Na União Soviética

Na última semana de outubro passado, três jovens americanos voltaram ao lar depois de uma viagem à União Soviética. São três acadêmicos, redatores de jornais estudantis, um da Universidade de Colorado, outro de Oberlin e o terceiro de Michigan. São Mark Edmond, de 26 anos, Daniel Berger, de 21 anos e Zander Hollander, de 22 anos. Estiveram na URSS, gastando 19 dólares por dia, morando nos melhores hotéis. Visitaram Moscou, Kiev e Leningrado e — como contaram ao regressar — visitaram tudo livremente, sem intérpretes ou acompanhantes, fotografaram tudo o que quiseram menos as fábricas e os «national shrines», isto é, os «segredos nacionais», coisa que acontece igualmente para os que viajam na América.

Muita gente vai à URSS. Viajantes que regressam contam que se encontraram nas ruas de Moscou com negros e chineses, italianos e ingleses, árabes e brasileiros, com gente de todo o mundo. Mas os três estudantes americanos pretenderam — e conseguiram — fazer uma viagem de puro e simples turismo quisera ir à União Soviética. Como iriam a qualquer outro país, como se não houvesse cortina de ferro, a «cortina de ferro» de que seus próprios jornais tanto já tinham falado.

Esse propósito causou alvoroço entre os estudantes das três escolas superiores e foi motivo de sensacionalismo jornalístico em toda a América:

— Vão ver que os russos não dão o visto no passaporte.

Maior foi a sensação quando, ao fim de uns poucos dias, o visto chegou regularmente, os três compraram as



Os três estudantes americanos viram muitos estrangeiros em Moscou. Aqui vemos um grupo formado por brasileiros, diante da famosa Universidade, onde os estudantes estão de acordo com o reitor.

passagens e partiram numa viagem aos cuidados da «Inturist». Assim chegaram os três «turistas quaisquer» ao país do socialismo.

Na volta fizeram declarações. É interessante ver o que lhes perguntaram como mais insistência e como reagiram os jovens estudantes americanos diante da realidade soviética. Nas perguntas e nas respostas vai muito do confronto entre o «modo de vida americano», que os trustes incutem à juventude, e — digamos, o modo de vida soviético.

Como é a televisão «Ah,

Os programas são interessantes, mas as telas dos aparelhos parecem pequenas...»

E os estudantes, como é que eles são? «Oh! Os estudantes são muito gentis e muito amistoso conosco. Mas, mal se falava nos Estados Unidos e logo começavam a criticar». Os estudantes americanos estavam impressionadíssimos, na sua santa ingenuidade, pois nunca viram ninguém criticar os Estados Unidos, seus jornais escolares só reproduzem declarações do tipo das que fazem os diplomatas latino-americanos.

Danny Berger ficou impressionadíssimo com as crianças soviéticas. Nunca viu tanta criança em sua vida. «É criança e mais criança, nos parques, em companhias dos pais. São crianças muito bem tratadas. Asseguro-vos que os russos mais elegantes são os russos de dez a dezoito anos de idade».

E agora uma pergunta importantíssima: E as moças? «Ah! As moças, que diferentes, são doces, ingenuas e «not sexy». — Eis a questão, «not sexy», não são metidas a vamp, não são como June Mac Call, a última «descoberta» de Hollywood, aquela de olhar turvo, com cabelos atirados sobre os olhos ou como aquela outra que saiu na capa da revista colorida como a «ingenua assassina».

Mas a resposta mais interessante dos três turistas surgiu quando lhes perguntaram sobre os estudantes soviéticos, sobre os jornais universitários soviéticos.

— São bem organizados, claros. Tem ótimas in-

telagens, para seus jornais. Mas... «sound as if written by the Dean... parecem escritos pelo reitor».

Que coisa estranha para um estudante americano! Os jornais estudantis soviéticos parecem escritos pelo reitor, há perfeita identidade de vistas entre os estudantes e o reitor. Os universitários americanos não podem compreender uma coisa dessas. Nos seus jornais, no Colorado e em Michigan, têm que atacar diariamente o reitor. O reitor é seu inimigo número um, é um velhote ranzinza, agarrado à letra fria do regulamento, um sujeito magante que cobra as taxas e que, acelerando ou retardando a conclusão do curso, influi diretamente na vida de muitas famílias. Enfim, um sujeito desagradável como em geral todos os reitores em circulação. Com razão, os estudantes americanos consideram como uma santa missão a de atacar os reitores e professores e não podem compreender como, ao contrário, os estudantes soviéticos estão de acordo com professores e reitores.

Evidentemente, os três turistas ficaram muito pouco tempo na URSS, não tiveram tempo de se darem conta de que todo o problema consiste em saber quem é o reitor. Compreenderiam que afinal de contas o mal dos Estados Unidos está é nos «reitores», os dois conhecidos Eisenhower, Dwight e Milton, reitores não só das universidades como de toda a vida política e contra os quais os estudantes não têm outro remédio senão lutar, se quiserem realmente ser homens livres.

Getúlio Nega o Abono de Natal Mas Perdoa Impostos Aos Tubarões

COMO tem acontecido nos outros anos o governo de Vargas está resistindo a conceder o Abono de Natal ao funcionalismo. A maioria parlamentar recusou a urgência solicitada para o projeto que manda conceder um mês de salário em dezembro, já conhecido como o 13.º mês do ano. A Comissão de Finanças, invocando o pretexto de sempre, negou a aprovação ao projeto. Alegou que a despesa atingiria a 1,5 bilhões de cruzeiros, soma muito elevada, que o Tesouro não dispõe de recursos uma vez que os ágios dos dólares leiloados já têm destino certo e é impossível emitir, que o abono iria influir no custo de vida.

É o mesmo pretexto tantas vezes empregado pelo governo sempre que se trata de atender às justas reivindicações do povo. É a desculpa estarrapada que utilizam os patrões quando os empregados exigem melhores condições de vida. O governopatrão, neste particular, não se distingue dos mais gananciosos exploradores.

A União Nacional dos Servidores Públicos, porém, desafiando qualquer contestação denuncia a todo o funcionalismo do Brasil as conclusões da Comissão de Finanças da Câmara, como falsas e capciosas. Baseando-se em dados oficiais a UNSP demonstrou de maneira clara que bastariam pouco mais de 600 milhões de cruzeiros para o pagamento de um mês de salário como Abono de Natal.

O governo nega dinheiro para dar um pequeno abono ao funcionalismo mas concede empréstimos através do Banco do Brasil para o vendepátria Chateaubriand e para o bando da «Última Hora». Com o dinheiro entregue a esses grupos, o governo pagaria o Abono. Acresce ainda que estes, ao lado dos grandes trustes e monopólios são sonegadores de imposto de renda, cujo montante ascende a 10 bilhões de cruzeiros que o governo nada faz receber e ainda pretende perdoar.

O governo emprega desnecessariamente centenas de milhões de cruzeiros com aviões a jato, cruzadores, armamentos. Perde milhões de cruzeiros em transações feitas pelo Banco do Brasil na compra de algodão acima dos preços dos mercados internacionais, entregando o dinheiro não aos produtores brasileiros mas, aos trustes imperialistas Anderson Clayton e Sombra.

Há pouco tempo, Getúlio ordenou que o Banco de Desenvolvimento Econômico fizesse um empréstimo à Light de 500 milhões de cruzeiros — empréstimo criminoso, pois se destina a deixar o truste ianque-canadense com seus lucros intactos e a possibilitar-lhe novos

melos de aumentar a exploração do povo. Por que o governo não empregou esse meio bilhão de cruzeiros pagando o abono do funcionalismo?

Os servidores públicos, cuja imensa maioria percebe ordenados insignificantes, exige o abono para saldar suas dívidas, poder comprar algumas roupas e calçados e não para esbanjar dinheiro. Centenas de milhares de funcionários exigem o abono.

Em documento importante a UNSP após denunciar as manobras dos inimigos do funcionalismo, dirige-se a todos os servidores públicos do Brasil, inclusive o pessoal de obras e da verba 3, «os rodoviários, ferroviários e marítimos, a todas as suas associações e organizações, conclamando-os à luta por um Natal melhor. Nessa conclamação a UNSP prova que o Tesouro tem amplas possibilidades para fazer face à despesa com o Abono que não representa senão 1,7% da despesa orçada para 1953.

Ante a resistência do governo, em atender esta sentida reivindicação, o funcionalismo público de todo o Brasil se põe de pé. Desde o Distrito Federal até os mais longínquos rincões são dirigidos memoriais e telegramas à Câmara Federal e a Getúlio. Em São Paulo, os servidores federais fundem sua luta com a dos funcionários públicos municipais e estaduais e se dirigem em grandes manifestações, ao governo. Dentre os telegramas enviados contam-se os da Associação dos Servidores Federais e Autárquicos do Rio Grande, a Nereu Ramos e Gurgel do Amaral, da Associação dos Servidores Públicos do Paraná, além de memoriais de diversas repartições federais daquele Estado. A atividade dos funcionários públicos é impulsionada pelas seções da UNSP nos diversos ministérios e autarquias.

Na luta pelo abono, o funcionalismo público tem a solidariedade de todo o povo que sofre as consequências da política de fome do governo de Vargas que só sabe empregar o dinheiro arrancado do próprio povo em negociatas, para a execução da política de guerra e traição nacional que lhe impõem os imperialistas norte-americanos.

O caminho é a luta audaz e vigorosa. Os funcionários têm a experiência dos outros anos em que, em assembleias e passeatas grandiosas conseguiram obrigar o governo a recuar de sua decisão patronal. Hoje, como ontem, os funcionários tomaram a decisão de conseguir o Abono de Natal, a reivindicação de fim de ano que já se tornou tradicional e que representa um pequeno acréscimo aos seus ordenados de fome.



D. Maria vai à feira

☆

Texto de Stênio de Carvalho

4 — Dona Maria vai à feira... É esse um momento de grande preocupação para a dona de casa, o momento em que decide comprar os gêneros necessários à alimentação da família. Os preços sobem; os salários e ordenados permanecem os mesmos de há muito tempo. O salário real diminui, o dinheiro é pouco para o que ela precisa.

Na Câmara, Getúlio manda negar aos trabalhadores o Abono de Natal. Panelas vazias, alguns cruzeiros na mão, bolsa no braço, dona Maria vai tentar comprar alguma coisa.



4 — Frutas... Bem, o povo brasileiro não come frutas. O carioca, por exemplo, não pode ingerir vitaminas tão decantadas pela propaganda do SAPS de Getúlio. Sim. Aconselha mas não oferece condições. As bananas — fruta brasileira — custando 5 cruzeiros à dúzia! Na outra barraca, a laranja estava marcada a 7 cruzeiros cada dúzia. Diz o dono da barraca: «o que faz encarecer mais ainda as frutas são os impostos nas barreiras. Um carro vazio paga 60 cruzeiros se vai ao Estado do Rio buscar qualquer coisa. O tabuleiro é explorado pela firma A. Barbosa & Cia., e cobra 10 cruzeiros por dia. Há outros impostos escorchantes. Frutas por preços assim tão caros o povo não pode comprar».



5 — «E se eu fosse à barraca da COFAP?» — pensou. E, como pensou, agiu. Mas a barraca da COFAP estava vazia. Somente, o balcão, algumas balanças e a tabela de preços. Assim é que Getúlio resolve os problemas do povo! Prometeu carne a 4 cruzeiros. A carne hoje custa 25 ou mais. Devido à pressão do povo, criou os postos da COFAP. No Distrito Federal, 33 apenas. Uma gota d'água no oceano. E, o que é mais grave: a COFAP se transformou num antro de negoclatas. Quem não se lembra do recente caso das cebolas em que a COFAP adquiria a 5 ou 6 cruzeiros e entregava aos tubarões para vendê-las a 30 ou mais?



6 — Chegando ao armazém do mercadinho, ela se espanta. O arroz custando 13,80 o quilo, a banha 23,30, a farinha 5,00. «O arroz bom desapareceu da praça» — diz o negociante. O governo de Getúlio está exportando grandes quantidades de arroz, beneficiando aos tubarões, enquanto o povo tem de pagar preços elevados. Dona Maria não se atreve a comprar logo...



7 — Na barraca de peixes, nem se encosta. Outra senhora já está em atitude de quem está achando caro. Dona Maria observa os preços: 17 cruzeiros, 18 cruzeiros o quilo de pescadinha. Bem, há muito peixe, mas o Entrepósito, controlado por meia dúzia de tubarões açambarca tudo e impõe os preços, impedindo que milhares de lares operários possam sentir o gostinho do pescado. As vezes, para lucrar mais, eles guardam os peixes em gelo durante 6 meses, até chegar a semana Santa, o peixe fica que nem pedra. explica o homem da barraca.



8 — Dona Maria regressa. Dessa vez, nada pôde comprar. Outras donas de casa, como ela, também voltavam de bolsa vazia. Voltavam indignadas com o governo de fome e de carestia de Getúlio, responsável pela miséria do povo. «Que farei para o almoço? Que farei para os meus filhos?» É esse o problema que se coloca diariamente a toda dona de casa. Não há leite. A COFAP aumentou o preço de 3,80 para 5,20. Governo assassino! O café passou para 40 cruzeiros. O Governo autorizou a Light a aumentar os preços da luz, dos bondes e telefones. A gasolina vai passar para 5,00. Tudo vai aumentar de preço, principalmente em virtude da nova política cambial de governo que estabelece preços até de 120 cruzeiros por dólar. Dona Maria, em caminho vai pensando — «Como é diferente a vida na União Soviética e nas Democracias Populares, ali onde os preços baixam constantemente em vez de subir. Que bom, se em nosso país fosse assim também: Isso não pode continuar. Tem razão minha vizinha. É preciso enfrentar a situação. Vou ingressar na União Feminina e juntar-me a outras mulheres para combater a carestia, lutar decididamente por condições de vida mais humanas».

Avante Para os 20 Milhões!



A Campanha dos Quinze Milhões, sempre que foi levada às ruas, para o meio do povo, foi coroada de êxito. Na arrancada final pelos Vinte Milhões, os ajudistas se lançam com mais desenvoltura ao trabalho, levando às amplas massas a campanha de ajuda à imprensa de Prestes.

Difícil será exagerar a importância política e moral que é esta magnífica e completa vitória da campanha dos 15 milhões de cruzeiros para o reequipamento dos jornais de Prestes.

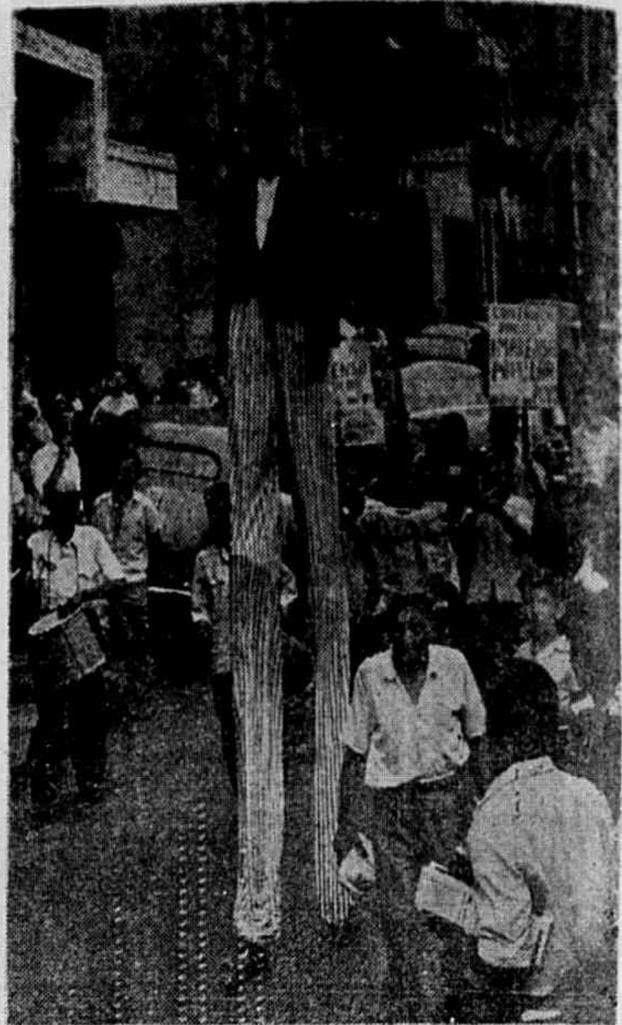
Bem sabemos, como diz o Cavaleiro da Esperança, que «nas casas de muitos trabalhadores falta por vezes o dinheiro para as despesas mais urgentes e indispensáveis. Mas estamos certos de que mesmo essa terrível situação constitui para vós mais um motivo para redobrar de esforços a fim de reunir os recursos que permitam à imprensa do povo levantar sua voz e indicar a camadas cada vez mais amplas da população do país qual o caminho da salvação do Brasil».

Os fatos confirmaram brilhantemente as palavras do grande Prestes. O desenrolar vitorioso da Campanha demonstra cabalmente que o povo tem confiança na imprensa popular, con-

ta nos seus filhos que têm a dura mas honrosa tarefa de fazer e administrar os seus jornais. A vitória da campanha é um mandato de honra aos trabalhadores da imprensa popular.

A vitória da campanha demonstra cabalmente que o povo apoia calorosamente a orientação política, os princípios e os objetivos da imprensa de Prestes. Ela tem a significação de um pronunciamento político de primeira ordem. Ela exprime, portanto, uma adesão manifesta e pública ao programa de Prestes, à luta pela paz e libertação nacional do jugo americano.

Está claro que, se de um lado o encarecimento das máquinas pelo «esquema Aranha» aumenta nossas necessidades, de outro lado os fatos à vista demonstram a plena possibilidade de atingir os vinte milhões, agora indispensáveis. A campanha prossegue, seu ritmo não cai. Avante, para os 20 Milhões!



O "Perna de Pau", regendo uma animada orquestra popular, realizou numerosos comandos pelo centro da cidade ajudando a propagar a campanha de ajuda aos jornais da verdade e da paz. Por onde passava, despertava o comando festiva simpatia do povo, recolhendo suas contribuições.

Por Que Não Prossegue o Inquérito Sobre os Jornais de Chatô?

Um novo escândalo, igual ao mais infamante ainda do que os já conhecidos, acaba de ser acrescentado pelo governo de Getúlio e sua maioria parlamentar, que mais uma vez incluiu a UDN, à série de vergonhosas negociações com a imprensa burguesa.

De uma hora para outra, tendo apenas investigado as falcaturas e o favoritismo imoral de que se beneficiou e continua se beneficiando a «Última Hora», o inquérito foi paralisado. O assunto liquidado. Não se fala mais nisso.

Em que momento e por que foi tomada essa medida? Foi exatamente no momento em que começaram a surgir as sujeiras e escândalos do mundo e repugnante lacaie dos americanos, o nauseabundo Assis Chateaubriand. Foi precisamente quando, mais uma vez, o governo e não apenas este de Getúlio, mas o governo em geral, seja qual for o representante das classes dominante no poder, surge como o principal responsável, como o financiador com o dinheiro do povo dos jornais de traição à pátria, anti-populares e anti-nacionais. Chatô levantou no Banco do Brasil, nos Institutos, nas Casas Econômicas, quase um bilhão de cruzeiros, conseguiu favores escandalosos que foram denunciados e documentados. Depois de Chatô vinham os demais, confirmando a mesma situação, o mesmo e intolerável estado de coisas.

Dessa forma, na sua repercussão popular, apesar de sua composição e certamente contra sua vontade, o trabalho da comissão parlamentar de inquérito estava servindo para mostrar ao povo como ele vê a sua sendo roubado e enganado pela imprensa burguesa.

Por isso, a comissão parlamentar de inquérito resolveu paralisar suas atividades. O momento esse

lhido, mais uma vez, foi marcado pelo relógio do embaixador americano, que estendeu o manto protetor da sua ordem em benefício do mais escancarado de seus lacaios. O próprio inquérito, que se vinha apregoando a si mesmo como um instrumento de moralização, como a grande batalha contra a corrupção e o malbarato dos dinheiros públicos, uma arma para expulsar os vendilhões do templo, esse inquérito acabou mostrando que está contaminado da mesma podridão. Ficou demonstrado que o templo da falsa moral burguesa não é possível expulsar os vendilhões, pois eles se fizeram os sacerdotes.

Essa é a situação no campo da traição nacional sua imprensa prostituída. Que tremendo contraste com o que se verifica no campo popular com sua imprensa incorruptível, que surge imaculada e gloriosa aos olhos do povo. Enquanto o governo tira dinheiro dos Institutos, tira dinheiro dos acidentados e enfermos, das viúvas e orfãos dos operários, para dar ao ladravaz Chateaubriand, mobilizou seu aparelho de repressão contra os jornais populares.

Mas não há força humana capaz de silenciar os jornais de Prestes porque eles contam com o apoio crescente do povo. Neste precioso momento em que, com o máximo de divulgação ao alcance de nossos recursos, proclamamos que o povo atendeu ao nosso apelo e nos deu 15 milhões de cruzeiros e arrancamos para elevar essa contribuição popular a 20 milhões, o governo de Getúlio baixa a cortina de ferro para esconder ao povo a história escabrosa da origem e do emprégo dos recursos dos jornais de Chateaubriand e outros pasquins.

Os brasileiros sabem tirar as conclusões disso tudo e agir como convém.

Cotas e Prêmios da Campanha De Ajuda à Imprensa Popular

COTAS

Em função da prorrogação da Campanha até o dia 3 de janeiro e da elevação da cota de 15 para 20 milhões, a Comissão Central da Campanha sugere às Comissões Estaduais o seguinte:

1º — Aumentar a cota de cada Comissão Estadual de aproximadamente, um terço da cota anterior (Identicamente devem atuar as comissões municipais, clubes, associações, etc.).

2º — Cumprir rigorosamente a determinação referente à subida para a C. C. das cotas solicitadas aos Estados constantes do quadro abaixo.

PRÊMIOS

Serão entregues aos Estados vencedores dos grupos A, B, C e D, os prêmios que conquistaram na emulação dos 15 milhões e que são, respectivamente, um automóvel, uma máquina impressora, um mimeógrafo e uma máquina de escrever. A fim de estimular o levantamento das novas cotas solicitadas, a Comissão Central estabeleceu os seguintes prêmios, por superação percentual das cotas de subida para a Comissão Central: — Para o Grupo A: outro automóvel; para o Grupo B: outra máquina impressora; para o Grupo C: um aparelho cinematográfico, projetor sonoro, de 16 mm; para o grupo D: uma máquina de escrever portátil. E' condição para ganhar os prêmios a cobertura da cota total de subida, ou seja, a antiga cota de subida somada à cota de subida da prorrogação. (Ver o quadro abaixo).

ESTADO	COTAS DE SUBIDA		
	Anteriores	Prorrogação	TOTAL
GRUPO A:			
Distrito Federal	2.500.000	1.250.000	3.750.000
São Paulo	3.000.000	800.000	3.800.000
GRUPO B:			
Rio Grande do Sul ...	300.000	200.000	500.000
Minas Gerais	300.000	100.000	400.000
Estado do Rio	300.000	100.000	400.000
Bahia	300.000	100.000	400.000
Pernambuco	200.000	50.000	250.000
Ceará	200.000	50.000	250.000
GRUPO C:			
Goiás	80.000	30.000	110.000
Paraná	60.000	40.000	100.000
Espirito Santo	60.000	20.000	80.000
Marítimos	50.000	50.000	100.000
Jovens	50.000	50.000	100.000
GRUPO D:			
Mato Grosso	15.000	5.000	20.000
Paraíba	20.000	5.000	25.000
Rio Grande do Norte ..	15.000	5.000	20.000
Santa Catarina	15.000	5.000	20.000
Pará	15.000	5.000	20.000
Maranhão	12.000	4.000	16.000
Amazonas	7.000	3.000	10.000
Piauí	7.000	3.000	10.000
Alagoas	7.000	3.000	10.000
Sergipe	7.000	3.000	10.000